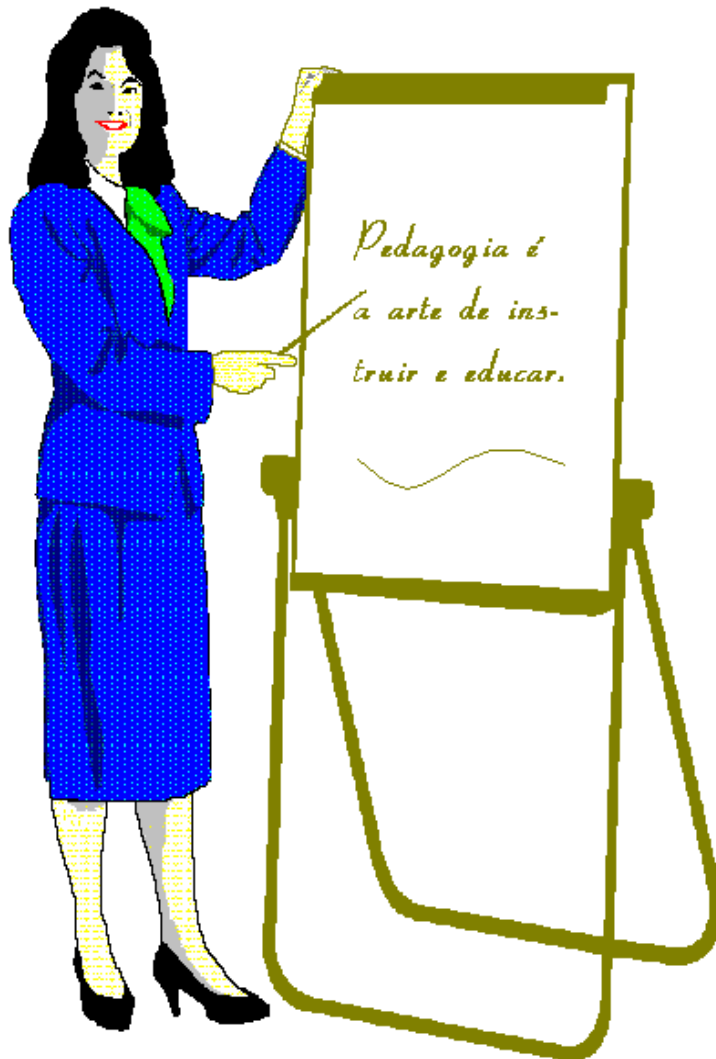


# APOSTILA SOBRE PEDAGOGIA

---



- A ARTE DE INSTRUIR E EDUCAR
- MANEIRAS E MÉTODOS
- ESTUDO DOS IDEAIS DE EDUCAÇÃO E DOS MEIOS EFICIENTES PARA PÔ-LOS EM PRÁTICA

Capa, Página 2, Desenhos em Paint e Diagramação: Elio Mollo

**383. Qual é, para o Espírito, a utilidade de passar pela infância?**

R. — Encarnando-se com o fim de se aperfeiçoar, o Espírito é mais acessível, durante esse tempo, às impressões que recebe e que podem ajudar o seu adiantamento, para o qual devem contribuir os que estão encarregados da sua educação. (1)

Trecho extraído de “O Livro dos Espíritos - q. 383” - obra codificada por Allan Kardec

## ENSINO ESPÍRITA

Um curso regular de Espiritismo seria dado com o fim de desenvolver os princípios da Ciência espírita e propagar o gosto pelos estudos sérios. Esse curso terá a vantagem de criar a unidade dos princípios, de obter adeptos esclarecidos, capazes de difundir as idéias espíritas e de desenvolver grande número de médiuns. Encaro este curso como capaz de exercer influência capital no futuro do Espiritismo e em suas conseqüências.(2)

Allan Kardec no livro “*Obras Póstumas*”

---

**OBSERVAÇÃO:** Sempre que usar na prática estes exemplos, para expor temas espíritas, procurar manter a fidelidade da Doutrina Espírita, evitando assim os erros doutrinários.

---

---

**NOTA IMPORTANTE:** Este material foi colhido de cópias xerográficas distribuídas em um Curso de Pedagogia, para melhorar a divulgação Espírita nos diversos cursos sobre Espiritismo. Exemplo (Curso Básico de Espiritismo, Fundamental, Educação Mediúnica, Aprendizes do Evangelho, etc.), por isso, algumas matérias não possuem o nome do autor, portanto se alguém conhecer o nome do autor, por favor, mencione-o, caso utilizar esta apostila para divulgação.

---

---

(<sup>1</sup>) Os pais e os professores espíritas devem ponderar sobre este item e os que se lhe seguem. O Espiritismo vem abrir um novo capítulo da Psicologia infantil e da Pedagogia, mostrando a importância da educação da criança não apenas para esta vida mas para a sua própria evolução espiritual. (Nota de J. Herculano Pires)

(<sup>2</sup>) Veja-se o projeto de criação das Escolas de Espiritismo, organismos de ensino de tipo universitário, aprovado pelo IV Congresso Brasileiro de Jornalistas e Escritores Espíritas realizando em Curitiba, Paraná, em 1968, e publicado pela revista **Educação Espírita**, n.º 1, de dezembro de 1970. (Nota de J. Herculano Pires)

# A LUTA DE HERCULANO

Lá pelos idos de 1970, em uma sossegada Rua da Vila Clementino, em São Paulo, alguém preparou um explosivo e lançou-o corajosamente no meio espírita, para sacudir o marasmo da maioria diante de um tema vital. Esse alguém era a cabeça mais lúcida do Espiritismo brasileiro: José Herculano Pires. O explosivo era EDUCAÇÃO ESPÍRITA, uma revista editada pela EDICEL, que tratava dos mais simples aspectos da Educação no lar as mais altas teorias filosófico-pedagógicas. Com aquela objetividade cristalina, aquela cultura monumental e aquele idealismo avassalador e indomável que só Herculano possuía, EDUCAÇÃO ESPÍRITA era uma revista destinada a mudar os rumos do movimento espírita.

O tempo urgia, a História amadurecera e estava a exigir os alicerces de uma nova Educação. Assim raciocinava o filósofo de Avaré.

“A tarefa da Educação Espírita é a formação de um **homem novo**. A educação Clássica greco-romana formou o *cidadão*, o homem vinculado à cidade e suas leis, servidor do Império; a Educação Medieval formou o *Cristão*, o homem submisso a Cristo e sujeito à Igreja, à autoridade desta e aos regulamentos eclesiásticos; a Educação Renascentista formou o *gentil-homem*, sujeito às etiquetas e normas sociais, apegado à cultura mundana; a Educação Moderna formou o *homem esclarecido*, amante das Ciências e das Artes, cético em matéria religiosa, vagamente deísta em fase de transição para o materialismo; a Educação Nova formou o *homem psicológico* do nosso tempo, ansioso por se libertar das angústias e dos traumas psíquicos do passado, substituindo o confessorário pelo consultório psiquiátrico e psicanalítico, reduzindo a religião a mera convenção pragmática. (...) Não é mais possível educar as gerações novas segundo nenhum dos tipos anteriores de Educação. Dai a rebeldia que vemos nas escolas, a inquietação da juventude, insatisfeita com a ordem social e cultural, ambas absoletas, em que se encontram. A Educação Espírita se impõe com a exigência dos tempos. Só ela poderá orientar os espíritos para a formação do homem novo, consciente de sua natureza e de seu destino, bem como de pertencer à Humanidade Cósmica e não aos exíguos limites da humanidade terrena. Só ela pode nos dar, esse **homem novo**, a síntese de todas as fases da evolução anterior, numa formulação superior. Porque o *homem espírita* — ou o *homem consciente* — que essa nova Educação nos dará, será ao mesmo tempo o *cidadão*, o *cristão*, o *gentil-homem*, o *homem esclarecido* e o *homem psicológico*, mas na conjugação de todos esses elementos numa dimensão espiritual e cósmica.”

Distinguindo a Educação da Pedagogia, pois a primeira sempre precede a segunda, que é uma teorização daquela, Herculano Pires afirma que a Pedagogia Espírita está implícita na codificação de Kardec. A visão da infância, a reencarnação, a compreensão interexistencial da vida, tudo isso forma a base dessa Pedagogia. Entretanto, torna-se preciso uma ordenação teórica nesses dados esparsos, acompanhada de um método prático de aplicação. Pronta essa sistematização, haverá uma Pedagogia Espírita possível, baseada nos princípios gerais da Doutrina, mas também fruto de uma necessidade histórico-cultural do momento. Amanhã poderá haver outra Pedagogia tão espírita quanto a primeira, mas diferente, porque será produto de outras circunstâncias.

Ora, era justamente a intenção de Herculano suscitar debates, provocar reações entre intelectuais, professores ou simplesmente estudiosos espíritas, para que fosse elaborada uma Pedagogia Espírita. Pois dizia o saudoso professor que as escolas espíritas haviam surgido como uma necessidade natural e uma conseqüência óbvia do movimento. Mas essas escolas, em sua maioria, embora já representassem um passo, não haviam criado uma Pedagogia Espírita. limitando-se a adotar a leiga, inserindo aulas de Doutrina no currículo.

O apelo de EDUCAÇÃO ESPÍRITA tinha o ardor idealista e a lógica fulminante peculiares a Herculano. Apesar disso, o explosivo não atingiu o tímpano nem ofuscou os olhos dos que não querem nem ouvir nem ver. O professorado espírita não se interessou. Não apareceram colaboradores. Humberto Mariotti, o Herculano argentino, estendeu as mãos sobre a fronteira e participou do apelo. Deolindo Amorim e alguns raros articulistas trouxeram algo. Mas o segundo número demorou um ano e meio a sair. O terceiro foi trimestral, o quarto e quinto foram semestrais e o sexto encerrou a série. No quinto volume, à guisa de editorial, há um melancólico e vibrante desabafo, intitulado CARTA ABERTA AOS PROFESSORES ESPÍRITAS, onde o incansável batalhador comenta não só o desinteresse da maioria, como a oposição

de alguns (espíritas !!!) à Educação Espírita, como se ela não existisse. É claro como o dia que qualquer sistema filosófico, qualquer cosmovisão se completa numa Pedagogia. Desde o tempo de Platão é assim. Apenas espíritos obscurantistas não vêem isso.

Na verdade, a indiferença que a revista encontrou (e diga-se de passagem que muitos intelectuais não espíritas ficaram entusiasmados) está ligada a um menosprezo generalizado que os espíritas votam à Cultura. Estão sempre prontos a apoiar obras criativas — o que é muito louvável — mas quando se trata de qualquer empreendimento cultural, torcem o nariz e fogem. Herculano alertava:

“Espiritismo é cultura em marcha, civilização nova em perspectiva. Temos de criar condições para acordar os preguiçosos, sacudir os sonolentos, desmascarar os *analfabetos ilustres*, os demagogos que só sabem pavonear-se nas tribunas e nas publicações reacionárias. Temos de acabar com a praga da preguiça mental, hipocritamente disfarçada em modéstia, falta de recursos e outras desculpas descabidas. Precisamos estudar, queimar as pestanas, pesquisar, construir a Cultura Espírita em nossa terra. Ou faremos isso ou nada mais seremos do que beatos de um novo tipo, esperando de joelhos que o Céu faça por nós o que temos de fazer por nós mesmos.”

Sem encontrar o apoio e a ressonância, com os quais contava para a elaboração coletiva de uma Pedagogia Espírita, Herculano Pires se atira então sozinho à tarefa, para a qual possuía mais competência do que muitos espíritas reunidos. No último número da revista, publica os primeiros capítulos de um COMPÊNDIO DE PEDAGOGIA ESPÍRITA, lançando os pontos-chaves para um desenvolvimento posterior. Vejamos como explica ai, de maneira brilhante as relações do Espiritismo com a Pedagogia:

“Ensino, processo de informação e instrução, e Educação, processo de formação moral e espiritual, constituem as coordenadas da Doutrina Espírita e balizam a prática doutrinária em todos os seus aspectos. Bastaria isso para nos mostrar que o Espiritismo ocupa, no próprio campo do Conhecimento, uma posição de síntese. Seus aspectos fundamentais de Ciência, Filosofia e Religião se encontram e se fundem no delta da Pedagogia, para o qual confluem todas as águas da Cultura. Examinemos melhor esta questão. No campo do Conhecimento, a Ciência nasce da prática, do *fazer* do homem no mundo; a Filosofia brota da razão, do *pensar* do homem sobre o mundo; a Religião surge da afetividade, do *sentir* do homem no seu viver no mundo. Essas três províncias do Conhecimento formam a unidade do *conhecer* e por isso não podem estar em conflito, pois as suas antinomias quebram a unidade do Espírito confundem a Cultura e tornam conflitiva a Civilização. Conseqüência inevitável é o conflito no campo educacional. A unidade conceptual e estrutural do Espiritismo devolve a unidade do *conhecer* ao homem ao homem e restabelece a harmonia no campo da Educação.”

Passados 25 anos dessa heróica tentativa, continuamos no mesmo pé. Nada se modificou em nosso cenário mormacento. José Herculano Pires acendeu as primeiras luzes em torno do assunto. Revolveu a terra e fincou alguns andaimes. Partindo de seus pressupostos rigorosamente espíritas, chegaremos sem muitos percalços a realizar a tarefa que a consciência exige de nós. O inesquecível filósofo de Avaré fez sua parte. Nem sequer tentaremos cumprir a nossa?

# INTELIGÊNCIA

- ⇒ Capacidade para aprender:
- ⇒ Capacidade para resolver problemas:
- ⇒ Capacidade de adaptação a situações novas:
- ⇒ Capacidade para ajustar-se ao ambiente:
- ⇒ Capacidade para estabelecer relações:
- ⇒ Capacidade para aprender e inventar.

## DIFERENÇAS QUALITATIVAS

Vários critérios podem ser utilizados para a classificação qualitativa. Thorndike refere-se aos campos de atividade em que a pessoa inteligente pode sair-se bem. Dentro deste critério, distinguem-se os seguintes tipos:

- a) **inteligência abstrata** — garante facilidade no lidar com representações simbólicas: palavras, números, fórmulas, diagramas, códigos; favorece o trabalho de advogados, literatos, estatísticos, entre outros;
- b) **inteligência mecânica** — facilita lidar com máquinas e dispositivos mecânicos, como acontece com engenheiros, mecânicos e operários;
- c) **inteligência social** — aparece no tato e na vivacidade que as pessoas demonstram em seus relacionamentos interpessoais; é exigida de vendedores, publicitários, diplomatas.

Há relações entre estes três tipos, e todas as pessoas são parcialmente dotadas de cada um deles, embora haja destaque em um dos três.

Relação de fatores que compõem a inteligência e aparecem com maior ou menor intensidade em cada pessoa:	
a) fator V	inteligência verbal
b) fator N	inteligência numérica
c) fator R	raciocínio em geral
d) fator M	memória
e) fator S	inteligência espacial
f) fator W	fluência verbal
g) fator P	rapidez de percepção

A memória tem papel destacado no comportamento, fornecendo elementos que influenciam as ações e reações da pessoa e recebendo efeitos dessas ações e reações. Em relação à aprendizagem é responsável pela maior ou menor durabilidade da modificação de comportamento. Compreende:

a)	aquisição da informação	requer atenção	
b)	fixação	requer estudo	é a introdução da ficha no fichário

c)	evocação	lembrar-se	é a busca da ficha
d)	reconhecimento	identificação da ficha em relação à necessidade do momento	

A aquisição e a fixação exigem o funcionamento de três estágios da memória:

a)	memória sensorial	recebimento imediato da informação pelos órgãos sensoriais	curtíssima duração
b)	memória a curto prazo	primeiro fichário	guarda informações de passagem
c)	memória a longo prazo	fichário definitivo	

Nem sempre a informação chega ao terceiro estágio.

A evocação e o reconhecimento envolvem contato com a memória a longo prazo.

Natureza das informações fichadas:

- |  |
|--|
| <ul style="list-style-type: none"> <li>a) palavras</li> <li>b) imagens</li> <li>c) movimentos</li> </ul> |
|--|

Informação arquivada em três modalidades está mais segura que quando arquivada em duas; em duas mais que em uma.

Esquecimento — Diz-se que houve esquecimento quando não se consegue evocar/reconhecer apropriadamente algo que foi fixado (está na memória a longo prazo). Ocorre quando:

- |  |
|--|
| <ul style="list-style-type: none"> <li>a) estudou-se pouco mal;</li> <li>b) procura-se evocar de modo diferente de como se fixou;</li> <li>c) a informação sofreu alteração: <ul style="list-style-type: none"> <li>— enfraqueceu-se por falta de uso;</li> <li>— enfraqueceu-se por contrariar gostos e preferências da pessoa ou sofreu algum tipo de bloqueio emocional</li> <li>— sofreu interferência de outra informação.</li> </ul> </li> </ul> |
|--|

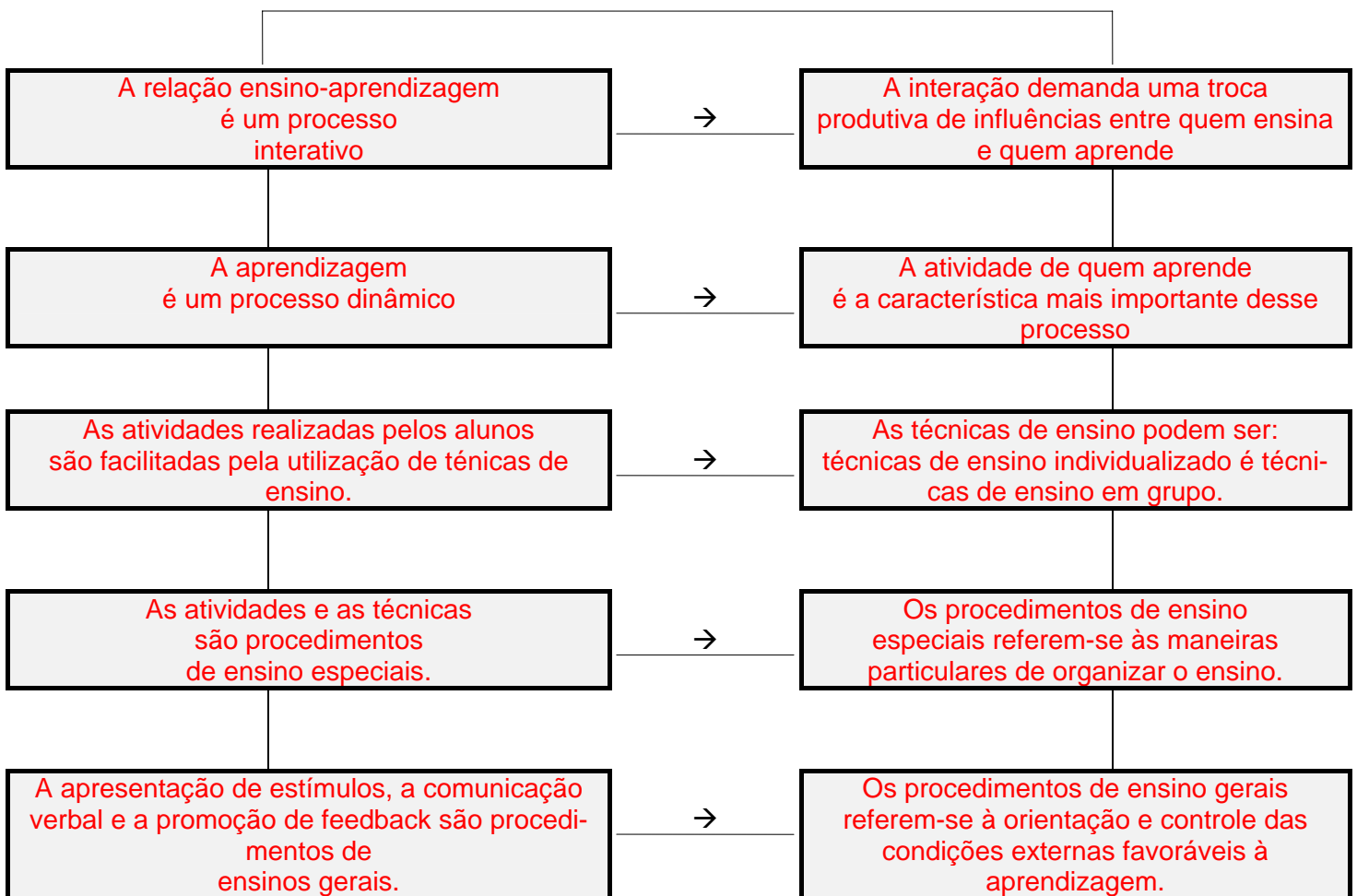
# RECURSOS DE ENSINO

Uma pesquisa apresenta os seguintes dados relacionados à retenção aprendizagem:

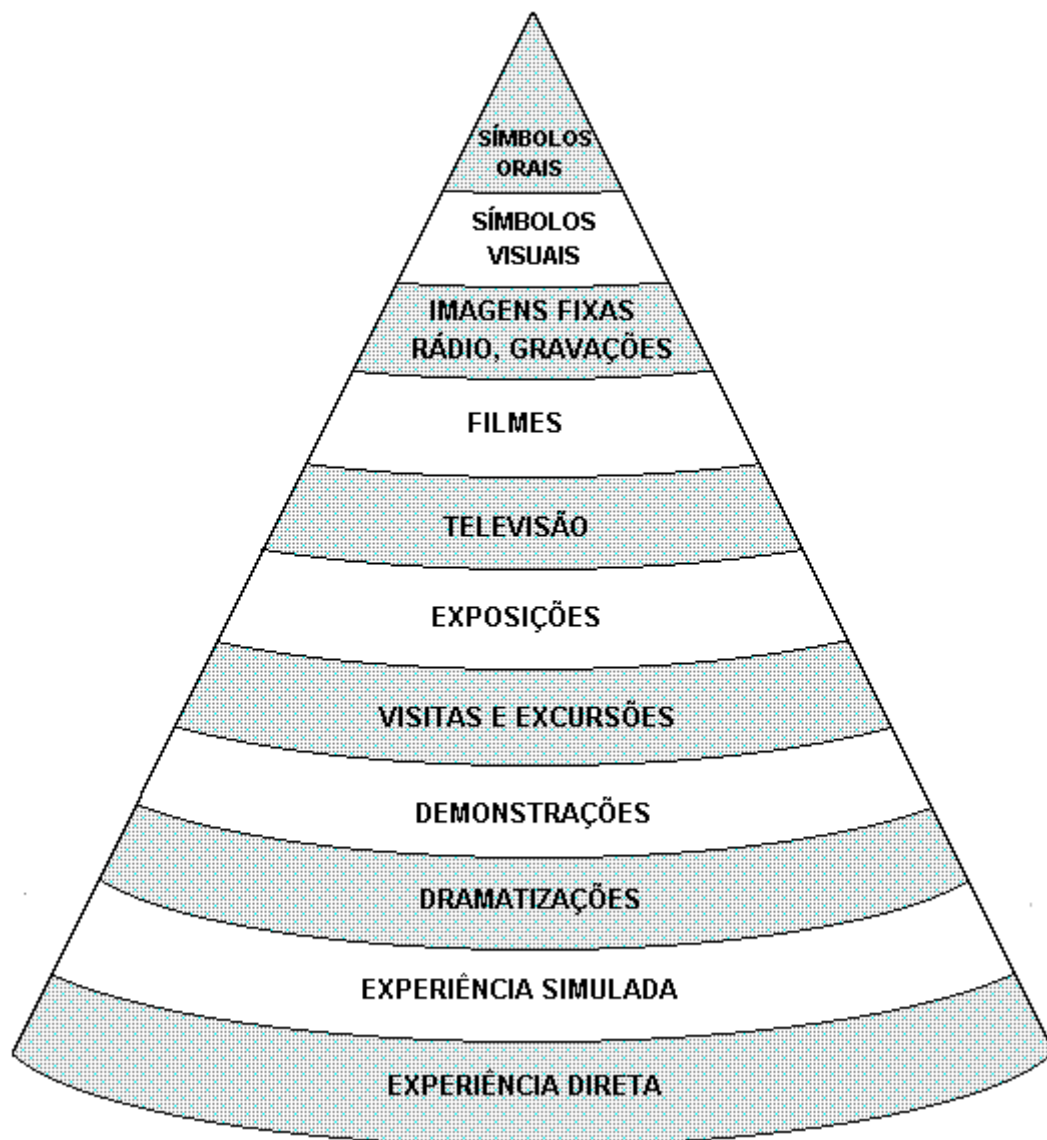
APRENDEMOS:	
1%	através do gosto
1,5%	através do tato
3,5%	através do olfato
11%	através do ouvido
83%	através da vista

RETEMOS:	
10%	do que lemos
20%	do que escutamos
30%	do que vemos
50%	do que vemos e escutamos
70%	do que ouvimos e logo discutimos
90%	do que ouvimos e logo realizamos

MÉTODO DE ENSINO	DADOS RETIDOS DEPOIS DE 3 HORAS	DADOS RETIDOS DEPOIS DE 3 DIAS
somente oral	70%	10%
somente visual	72%	20%
visual e oral simultaneamente	85%	65%



# CONE DE EXPERIÊNCIAS DE EDGAR DALE



<b>RECURSOS HUMANOS:</b>	Professor Alunos Pessoal Escolar Comunidade
--------------------------	--

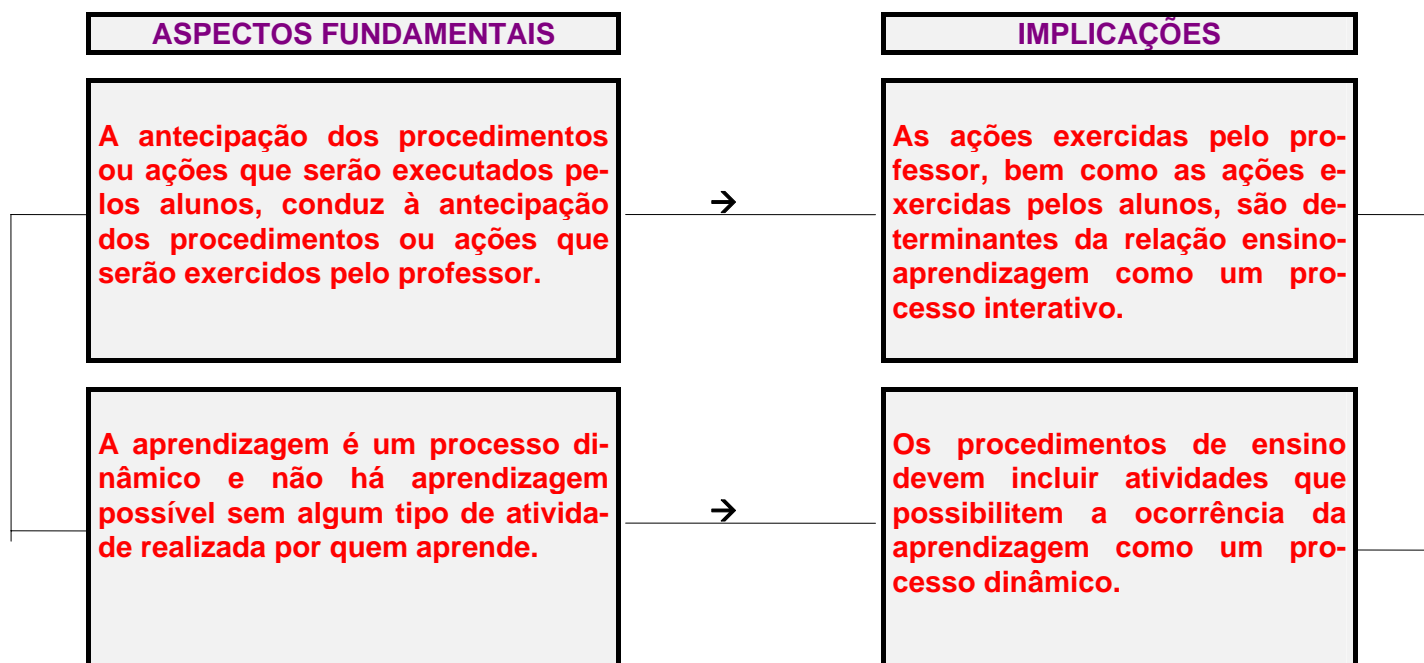
<b>RECURSOS MATERIAIS:</b>	Naturais Do Ambiente Escolar Da Comunidade
----------------------------	--



## Classificação de *Wilbur Senramm* dos novos meios de ensino, considerando a evolução e a aplicação

	INTRODUÇÃO NAS ESCOLAS	ENSINO COLETIVO OU INDIVIDUAL	CARACTERÍSTICAS
<b>PRIMEIRA GERAÇÃO</b>			
Demonstrações Explicação no quadro	Muito antiga	Coletivo	Não necessitam de dispositivos eletrônicos.
Exposições Modelos Quadros Mapas, etc.	Muito antiga	Ambos	
<b>SEGUNDA GERAÇÃO</b>			
Manuais Livros de classe Testes impressos, etc.	Depois de 1450	Individual	Máquina de processo de informação Indústria do manual escolar (of-set).
<b>TERCEIRA GERAÇÃO</b>			
Gravações	Século XIX e XX	Ambos	Máquina na reprodução de textos e como substituto da vista e do ouvido
Fotografias Dispositivos Filmes fixos Epidiascópio, etc.	Século XIX e XX	Coletivo	
Rádio	Depois de 1920	Ambos	
Filmes mudos e sonoros	Século XX	Coletivo	Menor abstração, o aluno vê e ouve
Televisão educativa	Depois de 1950	Ambos	Enorme progresso
<b>QUARTA GERAÇÃO</b>			
Laboratório lingüístico	Depois de 1950	Ambos	Comunicação estabelecida entre o homem e a máquina.
Instrução programada	Muito recente	Individual	
Emprego de computadores	Muito recente		

# PROCEDIMENTO DE ENSINO



# MODELO DE UMA SEQÜÊNCIA DE ATIVIDADES DE APRENDIZAGEM *PARKER E RUBIN*

## PASSO I

### MEMORIZAÇÃO E INFORMAÇÃO

- Processos que o aluno utiliza frente a conhecimentos novos.

- Ler o material informativo.
- Observar o que se expõe à sua atenção.
- Formular perguntas.
- Escutar uma explicação.
- Adquirir simplesmente princípios.



## PASSO II

### OBTENÇÃO DO SIGNIFICADO

- Processos que permitem ao aluno encontrar sentido em conhecimentos novos.

- Analisar o novo conhecimento.
- Experimentar com o novo conhecimento.
- Reorganizar o novo conhecimento.
- Afirmar o novo conhecimento.
- Integrar o novo conhecimento.



## PASSO III

### PRECISÃO DO NOVO SIGNIFICADO

- Processos que permitem ao aluno precisar o significado do conhecimento, para determinar sua utilidade e os modos e meios de aplicá-lo a outras situações.

- Inferir generalizações do novo conhecimento.
- Reconstruir a estrutura geral do novo conhecimento.
- Relacionar o novo conhecimento com outras situações.
- Afirmar o novo conhecimento.
- Experimentá-lo para seu uso.



## PASSO IV

### APLICAÇÃO

- Processos que permitem ao aluno o uso funcional do conhecimento, operar com ele em novas situações e utilizá-lo na atividade intelectual.

- Usar o conhecimento para resolver um problema.
- Usar o conhecimento para inventar um problema.



## Sugere-se então ao estudante:

---

- 1 — ler todo o conjunto a ser estudado antes de se deter em cada parte; isso dará um sentido global ao assunto;
  - 2 — relacionar o assunto em questão com o restante da matéria, com outras matérias, com situações em que ele seja aplicável;
  - 3 — associações de qualquer natureza, criadas pelo estudante, podem ajudar (artifícios mnemônicos);
  - 4 — usar a memória imagística:
    - fazendo esquemas;
    - usando cores diferentes;
    - observando (e fazendo) gráficos e ilustrações;
  - 5 — fazer repetições e autotestes no período imediatamente posterior ao estudo, quando é maior a possibilidade de esquecimento (período de consolidação);
  - 6 — estudar a matéria espaçadamente, retomando-a com o passar dos dias: leva a uma fixação mais duradoura que o estudo maciço às vésperas da prova;
  - 7 — apresentar disposição mental, isto é:
    - ter interesse pelo assunto;
    - sentir-se a vontade com o professor;
    - receber o material predisposto a fixar e evocar;
    - prestar atenção sem preocupação exagerada em memorizar;
    - estar livre de grandes preocupações, de qualquer natureza.
-

# MÉTODOS E TÉCNICAS DE ENSINO

Método origina-se de *meta* (além de) e de *hodos* (caminho). É, portanto, um caminho ordenado e sistemático para atingir um fim.

Em educação, método é o conjunto de processos e procedimentos, ordenados com lógica, para conduzir a aprendizagem dos alunos e determinados objetivos. O método dá sentido de unidade a todos os passos do processo de ensino-aprendizagem.

Não se pode dizer que determinado método é melhor do que outro. **A escolha do método vai depender dos objetivos a serem alcançados**, da habilidade do professor e dos pré-requisitos dos alunos. Muitas vezes, aconselha-se o ecletismo, a fim de coordenar situações de ensino-aprendizagem com os métodos que lhes são convenientes.

Os métodos podem ser divididos em dogmáticos e heurísticos. O dogmático é um método passivo, em que os alunos recebem o conhecimento como um produto já elaborado. O heurístico é um método ativo, de laboratório, em que o aluno participa ativamente no processo de investigação com os colegas e com o professor.

Entre os métodos dogmáticos encontramos o de conferência ou expositivo, em que o ensino centraliza-se no professor. Eles exigem habilidades docentes tais como: clareza de exposição, dicção correta e organização lógica e seqüencial do pensamento. Eles também dão margem à elaboração de perguntas e possibilitam a utilização de meios auxiliares de ensino, tais como eslaides, cartazes, lâminas, etc. Entre os métodos heurísticos, temos o de discussão, o socrático e o de solução de problemas, em que a aprendizagem é centrada no aluno. O método heurístico coloca o aluno no papel de um ativo indagador, partindo de uma situação problemática e desafiando o seu pensamento. A aprendizagem realiza-se através da organização do conhecimento, do *insight*, do uso de inferências. O aluno chega a generalizações, tornando-se capaz de utilizar princípios gerais em diferentes situações e de transferir e de aplicar o conhecimento compreendido.

Técnica é a maneira hábil e adequada de usar recursos. É menos ampla que o método e refere-se a formas de apresentação imediata do conteúdo.

A utilização de técnicas variadas oportuniza a dinâmica de classe e facilita a aprendizagem, dando ênfase ao fazer, ou seja, à ação dos alunos.

As técnicas podem ser criadas pelo professor, de acordo com o método utilizado e com os objetivos que ele tem em mente.

As técnicas dividem-se em grupais e individuais. Técnicas grupais são aquelas que envolvem os alunos em grupos de trabalho e técnicas individuais são aquelas que orientam o trabalho do aluno, atendendo ao seu ritmo próprio, à complexidade da matéria de ensino e aos objetivos específicos que se quer atingir.

**Deve-se haver muito cuidado na utilização de técnicas. Às vezes, os professores cansam os alunos, utilizando sempre a mesma metodologia, desgastando a técnica; outras vezes, a utilização excessiva de técnicas diversas torna a aprendizagem dispersiva. Portanto, o professor precisa escolher muito bem as técnicas que vai usar e adequá-la à sua situação específica de sala de aula. É imprescindível que haja bom senso, coerência e critério de escolha na seleção de técnicas para a aprendizagem significativa de determinados conteúdos.**

# O TRABALHO EM GRUPO

No ensino socializado, os princípios objetivos recaem na interação dos alunos uns com os outros, na aprendizagem do trabalho em equipe e no desenvolvimento de habilidades para a resolução de problemas.

Como objetivos significativos, podemos ainda citar: a aceitação de idéias dos outros, o aprender a viver em sociedade, o desenvolvimento do pensamento lógico, o desenvolvimento da autoconfiança e da coragem e o controle à agressividade.

## O grupo

O grupo constitui-se num conjunto de pessoas com propósitos comuns, auxílio mútuo, interação entre os membros e linha unificadora de ação.

## Formação de grupos

Os grupos podem formar-se espontaneamente ou por indicação dos professores.

Na formação espontânea, os grupos formam-se aleatoriamente, quando os alunos se agrupam de acordo com o critério de proximidade, ou naturalmente, quando os alunos se reúnem por afinidade ou por preferência pessoal em redor de um líder. O grupo pode, ainda, ser de constituição dirigida, formado através de sociograma ou de determinação do professor, tendo em vista os objetivos propostos.

## Funções no trabalho de grupo

É importante que os alunos, membros de um grupo de trabalho, tenham função específica.

As funções poderão ser adaptadas, conforme as necessidades dos grupos.

As funções dividem-se em essenciais e secundárias.

### **Funções essenciais**

**1 — Coordenador:** é a pessoa-chave no grupo. É o líder que dirige a reunião. Ele abre as reuniões, dirige os debates, passa a palavra para cada membro do grupo, organiza os estudos, faz o grupo trabalhar cooperativamente, estimula as participações, controla o tempo.

**2 — Secretário:** é o que comunica por escrito o resultado do trabalho, anotando as idéias principais surgidas durante a reunião. Observa os cadernos e anotações do grupo e redige a ata ou conclusões a que o grupo chegou.

**3 — Relator:** é o comunicador do grupo. Apresenta, oralmente, as conclusões do grupo. Algumas vezes, dependendo da necessidade, secretário e relator constituem-se numa só pessoa.

### **Funções secundárias**

**1 — Apoio:** é o encarregado de zelar pela disciplina do grupo, sendo humorado e bem aceito pelos colegas.

**2 — Informador:** é a memória do grupo, apresentando fatos e recursos relacionados com o tema em foco.

**3 — Integrador:** é a consciência do grupo. Esclarece os objetivos, promove a interação positiva e ajuda o grupo a produzir mais.

## Estágios de desenvolvimento grupal

Tuckman, no livro *“Developmental Sequence in Small Groups”*, propõe quatro estágios de desenvolvimento grupal.

No primeiro estágio, constata-se a atitude de testar a dependência, quando os participantes se relacionam com o líder de maneira dependente, buscando orientação quanto à tarefa.

O estágio seguinte é de “conflito intergrupal”, surgindo um clima de hostilidade em resistência ao estabelecimento da estrutura de grupo.

A próxima fase proporciona a coesão de grupo, superando-se os sentimentos de hostilidade e evoluindo para um intercâmbio de interpretações relevantes. A atitude torna-se aberta para discutir os problemas relacionados à atividade.

A última fase caracteriza-se por um relacionamento funcional de papéis, quando o grupo procura a solução de problemas, baseando a sua atividade numa ação construtiva.

O conhecimento dos estágios de desenvolvimento grupal permite ao professor assessorar os alunos para que eles vençam as fases, passando para a seguinte e chegando à solução de problemas. Muitas vezes, é imprescindível analisar o estágio em que o grupo se encontra, pois ele não tem condições de realizar a tarefa, já que se fixa numa determinada fase sem alternativa de prosseguimento. De acordo com a técnica selecionada, o professor encontrará a melhor maneira de estimular para que o grupo prossiga.

### Técnicas de trabalho em grupo

As técnicas dividem-se em três grandes partes: técnicas de sensibilização, técnicas de grande grupo e técnicas de pequenos grupos.

**Técnicas de sensibilização:** são técnicas que têm como objetivo básico a sensibilização de um grupo para o trabalho em equipe e para a cooperação com os elementos do grupo.

**Técnicas de grandes grupos:** são técnicas que envolvem toda a classe num grupão coordenado pelo professor ou por um líder.

**Técnicas de pequenos grupos:** são técnicas que permitem o fracionamento, quando os alunos trabalham num grupo pequeno, para, depois, formarem o grupão.

Além dos três tipos citados, temos as técnicas específicas para uso em Língua Portuguesa. São elas: Jogral, Jornal Falado, Jornal Teatro, Dramatização e Técnica de Estudo de Texto.

---

## TÉCNICAS DE SENSIBILIZAÇÃO

## Sensibilização a partir do diálogo

### 1 — Objetivos: que os alunos sejam capazes de:

- 1) reunir-se em grupos de dois elementos num clima informal;
- 2) elaborar perguntas que possibilitem o conhecimento do colega;
- 3) dar informações claras e precisas sobre suas preferências, aspectos positivos e negativos;
- 4) falar claramente, dando sua opinião sincera sobre coisas e fatos;
- 5) soltar-se com liberdade na busca da verdade e da compreensão.

### 2 — Material utilizado

- 1) folha de papel;
- 2) lápis ou caneta.

### 3 — Foco de trabalho: Sensibilização Grupal (sensibilizar um grupo para o conhecimento do outro através da espontaneidade do diálogo).

### 4 — Desenvolvimento

- 1) dividir a turma em grupos de dois componentes, tendo como critério o fato de que os elementos nunca tenham trabalhado juntos;
- 2) dar tempo para que os dois componentes tendo como critério o fato de que os elementos nunca tenham trabalhado juntos;
- 3) solicitar a formação de um grupão;
- 4) apresentar (as duplas) seus colegas através dos dados coletados no diálogo inicial, dando o máximo de informações possível;
- 5) fazer (o grupão) perguntas e esclarecer dúvidas;
- 6) analisar (o grupão) a técnica, apresentando aspectos relevantes e irrelevantes.

## Sensibilização a partir de um caso

### 1 — Objetivos: que os grupos sejam capazes de:

- 1) interpretar um caso dado pelo professor ou por um líder;
- 2) apontar alternativas de solução para o caso;
- 3) escolher um dos papéis contidos no caso e tentar dar alternativas para aquele personagem;
- 4) dramatizar o caso;
- 5) analisar criticamente as posições das pessoas envolvidas no caso.

### 2 — Material utilizado

- 1) folha mimeografada contendo um caso, anteriormente escolhido pelo professor ou pelo líder.
- 2) material de sala de aula: cadeira, quadro, giz, etc., que possa servir para possíveis caracterizações.

### 3 — Foco de trabalho: Sensibilização Grupal (sensibilizar um grupo para a reflexão e análise de um problema grupal vivenciado pelo grupo).

### 4 — Desenvolvimento

- 1) dividir a turma em grupos de 5 a 6 elementos;
- 2) distribuir uma folha mimeografada contendo um caso para cada grupo (ter o cuidado de não verbalizar nada sobre o caso);
- 3) solicitar que o grupo interprete, analise e aponte alternativas de solução para o caso;
- 4) solicitar que os membros do grupo assumam papéis e dramatizem o caso de acordo com a discussão anterior;
- 5) analisar com o grupão as conclusões das dramatizações e as alternativas propostas;
- 6) realizar um feedback da atuação dos grupos ou dos elementos que normalmente ocasionam conflito.

**Obs.:** essa técnica, para ser aplicada, deve prever um bom domínio de classe pelo professor e um clima em que a discussão de assunto conflitante seja possível.

## Sensibilização a partir da expressão corporal e oral

### 1 — Objetivos: que o grupo seja capaz de:



- 1) reconhecer o colega através do nome;
- 2) comunicar-se através da expressão do corpo;
- 3) valorizar a comunicação não-verbal;
- 4) entender o processo de comunicação através da soma do não-verbal com o verbal;
- 5) expressar-se através do corpo e da palavra;
- 6) usar recursos para facilitar a comunicação;
- 7) estabelecer relações entre o verbal e o não verbal;
- 8) elaborar inferências;
- 9) analisar as atitudes, os gestos e as palavras;
- 10) fazer uma síntese sobre todo o trabalho.

## **2 — Material utilizado**

- 1) uma peteca;
- 2) uma venda para os olhos;
- 3) um cinto grande e um cinto pequeno;
- 4) uma música lenta;
- 6) uma música com bastante ritmo (valsa, samba).

## **3 — Foco de trabalho: Sensibilização Grupal (sensibilizar um grupo para a valorização da expressão corporal e oral como um todo no processo de comunicação).**

## **4 — Desenvolvimento**

### **1º MOMENTO**

- 1) fazer um círculo com o grupão;
- 2) jogar uma peteca para os componentes do grupão (quando um componente recebe a peteca, diz o seu nome em voz alta e passa a peteca para outro colega).
- 3) continuar passando a peteca através de um gesto, mas continuar dizendo o nome;
- 4) continuar passando a peteca, utilizando uma parte do corpo e não as mãos (as ações não podem ser repetidas);
- 5) analisar as sensações durante o trabalho.

### **2º MOMENTO**

- 1) caminhar em círculo, ordenadamente;
- 2) caminhar em círculo desordenadamente;
- 3) caminhar encostando um braço no colega;
- 4) caminhar encostando o cotovelo no colega;
- 5) caminhar imitando um anão;
- 6) caminhar imitando um gigante;
- 7) caminhar imitando uma árvore;
- 8) caminhar imitando um velho;
- 9) caminhar imitando uma criança;
- 10) analisar as sensações vividas durante os exercícios.

### **3º MOMENTO**

- 1) fazer um círculo;
- 2) escolher dois voluntários;
- 3) solicitar que um voluntário fale durante um minuto, defendendo um assunto da atualidade, televisão por exemplo, e que outro critique o mesmo assunto;
- 4) colocar uma venda no voluntário nº 1, atar os braços com o cinto grande e as pernas com um cinto pequeno, solicitando que ele defenda o assunto durante um minuto: repetir a mesma coisa com o voluntário nº 2, solicitando que ele critique o assunto;
- 5) analisar as vivências dos voluntários através das sensações percebidas por eles e pelo grande grupo.

### **4º MOMENTO**

- 1) o grupão é dividido em pares;
- 2) cada par atribui uma letra a um membro, A e B;
- 3) os elementos de letra A esculpem o elemento B, que é de aço;
- 4) os elementos B esculpem os elementos A, que são de areia;
- 5) os elementos A esculpem os elementos B, que são de argila, depois tentam imitar a escultura;

- 6) os escultores e os esculpídos dão nome à escultura;
- 7) verbalizam-se os nomes das esculturas;
- 8) analisam-se vivências.

#### 5º MOMENTO

- 1) colocar na vitrola uma música lenta;
- 2) solicitar que os componentes do grupão elaborem movimentos circulares (mãos, pés, pescoço, cintura);
- 3) colocar uma música com ritmo;
- 4) solicitar uma coreografia em pequenos grupos;
- 5) analisar vivências;

#### 6º MOMENTO

- 1) analisar todo o desenvolvimento da técnica;
- 2) formular inferências;
- 3) avaliar a participação de todas as atividades;
- 4) observar os momentos mais significativos da técnica e o que foi evidenciado;
- 5) elaborar uma conclusão final.



## Sensibilização a partir de recurso e músicas

### 1 — **Objetivos:** que o grupo seja capaz de:

- 1) inserir-se no contexto atual;
- 2) refletir sobre o mundo;
- 3) refletir sobre o homem;
- 4) aceitar o outro;
- 5) contribuir para que o outro melhore;
- 6) integrar-se num grupo de trabalho;
- 7) criar situações inovadoras;
- 8) verbalizar sentimentos;
- 9) chegar a uma ação construtiva;
- 10) fazer uma síntese sobre todo o trabalho.

### 2 — **Material utilizado:** o professor deve solicitar, com antecedência, que os alunos tragam o seguinte material:

- |                      |                                  |
|----------------------|----------------------------------|
| 1) jornais velhos;   | 2) revistas velhas;              |
| 3) cola;             | 4) tesoura;                      |
| 5) papéis coloridos; | 6) cordão;                       |
| 7) cartolina;        | 8) canetas hidrográficas;        |
| 9) lápis de cor;     | 10) tinta (têmpera, óleo, etc.). |

### 3 — **Foco de trabalho:** Técnica de Sensibilização Grupal (sensibilizar um grupo para conduzi-lo a uma ação construtiva).

### 4 — **Momento da técnica propriamente dita**

#### 1º MOMENTO: Momento de Sensibilização

Trabalho feito pelo professor.

Neste momento, o professor apresenta um conjunto de músicas e textos selecionados com a finalidade de sensibilizar o grupo para uma ação construtiva. Entre as audições musicais e a leitura de textos, o professor pode fazer comentários, estabelecer relações, colocar alguma pergunta para reflexão, etc.

- 1) Música “*Como dois e dois*”, de Roberto Carlos — audição somente — mostrar a desestruturação do mundo.
- 2) Música “*A 200 por hora*”, de Roberto Carlos, antecipada por roncões de automóvel — audição somente — mostrar a desestruturação do mundo atual.
- 3) Texto “*Entre a Flor e o Parafuso*”, de Simão Goldman — leitura expressiva com fundo musical — caracterização do mundo atual.
- 4) Música “*Olé Olá*”, de Chico Buarque de Hollanda — audição somente — início de aceitação e integração do homem no mundo.

- 5) Texto “*Desiderata*”, antiga inscrição datada de 1864, descoberta em uma igreja de Baltimore, USA — leitura expressiva com fundo musical — mostrar o homem no mundo, mostrar a luta do homem, buscando a felicidade.
- 6) Música “*Pois é pra quê...*”, de Sidney Müller — audição somente — colocar os objetivos do homem no mundo.
- 7) Texto “*Porque você é bacana*”, Zeni de Barros Lana — leitura expressiva com fundo musical — descobrir em cada um um valor.
- 8) Música “*Jesus Cristo*”, de Roberto Carlos, cantada pela cantora Cláudia, — somente audição — verificar que há um ser superior para conduzir os caminhos do homem, suplicar a ajuda de Deus.

**OBS.: durante o momento de sensibilização, todos devem estar sentados no chão, formando um grande círculo, e de olhos fechados.**

### **2º MOMENTO: Desenvolvimento da Técnica**

- 1) Sala vazia (cadeiras e classes afastadas para oportunizar um bom deslocamento de todo o grupo de alunos).
- 2) O material trazido pelos alunos deve ficar no centro da sala. É importante colocar o material num bloco só, pois ele passa a pertencer a todos os elementos do grande grupo.
- 3) O professor sugere que se formem grupos espontâneos de 4 a 6 elementos. Dependendo dos objetivos, é bom sugerir que os alunos procurem formar grupos com os colegas com os quais nunca tiveram a oportunidade de trabalhar antes.
- 4) O trabalho não é verbal. A comunicação pode ser feita por gestos, mímica, expressão corporal, expressão escrita, etc. Evitar (proibir) o uso da palavra oral.
- 5) Depois de formados os grupos, o professor dá a tarefa: construir alguma coisa com o material existente, tentando transmitir uma mensagem (Duração: 40 a 50 minutos).
- 6) Durante o desenvolvimento do trabalho, deverá haver fundo musical suave.
- 7) Na medida em que os grupos aprontam o trabalho, o professor vai orientando uma exposição deles na sala (é lógico que tudo irá depender dos trabalhos que forem criados).
- 8) O professor pode orientar os componentes dos grupos para que fiquem junto a seu grupo após a finalização da tarefa, sempre respeitando, porém, a orientação de não usar a palavra oral.

### **3º MOMENTO: Integração**

- 1) Cada grupo deverá apresentar o trabalho que conseguiu criar. A apresentação será verbal e será feita por um elemento do grupo e complementada, talvez, pelos demais componentes.
- 2) Depois da apresentação de todos os trabalhos, o professor sugerirá uma verbalização da vivência da técnica. O professor será o moderador do grande grupo, orientando as participações individuais e coordenando o trabalho.
- 3) Após as verbalizações, os alunos poderão manifestar-se, fazendo uma síntese de todo o trabalho realizado, ou melhor, chegando a conclusão sobre o que foi feito.
- 4) O professor fará a síntese final, mostrando as várias etapas do trabalho até à conclusão de uma ação construtiva.

---

# TÉCNICAS DE GRANDE GRUPO

# DISCUSSÃO CIRCULAR

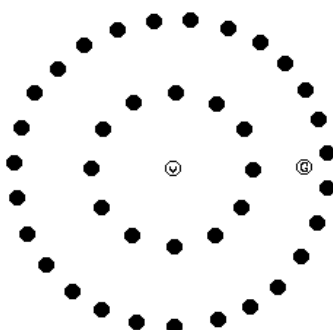
## 1 — Preparação

- 1.1 — Preparar uma pergunta clara e condensada;
- 1.2 — Pedir que os alunos meditem sobre a pergunta proposta;
- 1.3 — Dar tempo para essa concentração individual.

## 2 — Desenvolvimento

- 2.1 — Selecionar um grupo de 10 a 12 alunos;
- 2.2 — Dispor esse grupo no centro da sala, enquanto os demais alunos formam um grupo ao redor desse pequeno grupo;
- 2.3 — formular, novamente, a pergunta;
- 2.4 — Iniciar por um dos alunos a discussão, dando-lhe um minuto para expor o que pensa sobre o assunto;
- 2.5 — Oportunizar a todos os alunos do círculo a exposição do que pensam, tendo para isso um minuto. Podem, também, sintetizar a opinião dos colegas e lançar perguntas para seguir a discussão;
- 2.6 — Anotar (um secretário) as sínteses;
- 2.7 — Chegar a uma conclusão (secretário e grupo)

## 3 — Diagrama



Círculo V: 12 alunos  
Círculo G: 28 alunos

## 4 — Vantagens

- 4.1 — Desenvolve o raciocínio lógico;
- 4.2 — Oportuniza
- 4.3 — Concatena o pensamento com a explanação do colega, mantendo a atenção;
- 4.4 — Aprofunda um determinado tema;
- 4.5 — Desinibe determinados alunos.

## 5 — Precauções

- 5.1 — Cuidado na indicação dos alunos que seguem a disposição, sem estabelecer critérios determinados;
- 5.2 — Não repetir os mesmos alunos no grupo do centro, quando a técnica for utilizada novamente ou na discussão de uma outra pergunta;
- 5.3 — Só interromper quando o orador termina uma fase do assunto ou encerra o pensamento;
- 5.4 — Os alunos do círculo da discussão não devem interromper a crítica do colega, esperando que chegue a sua vez de falar.

## 6 — Sugestões para uso em Língua Portuguesa

- 6.1 — Preparo oral de dissertações;
- 6.2 — Preparo oral de dissertações;
- 6.3 — Tema de um livro;
- 6.4 — Interpretações de texto, filme, palestra etc.

## 1 — Preparação

### 1º FASE

- 1.1 — Selecionar um tema para estudo;
- 1.2 — Solicitar aos alunos que estudem o assunto individualmente;
- 1.3 — Dividir o assunto em dois focos ou formular duas perguntas para a discussão;

## 2 — Desenvolvimento

- 2.1 — Indicação dos alunos que constituirão o primeiro grupo de verbalização; os outros farão parte do primeiro grupo de observação. Os alunos poderão ser indicados através de números. Dá-se um número a cada aluno. Os alunos pares formam o GV e os ímpares o GO;
- 2.2 — O GV debaterá o assunto em voz alta, analisando, exemplificando, criticando, etc., para chegar a uma conclusão;
- 2.3 — O GO observará apenas os debates, avaliando a participação dos verbalizadores;
- 2.4 —

### 2º FASE

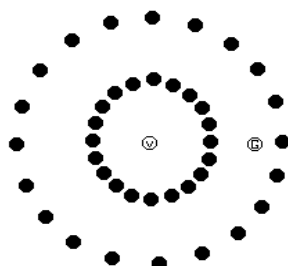
- 2.5 — inversão dos papéis: o grupo de verbalização passa para o de observação e vice-versa;
- 2.6 — o tempo será de 10 a 15 minutos para o debate, dependendo do assunto;
- 2.7 — outro tema para a discussão, ou outra pergunta;

### 3º FASE

- 2.8 — o grupão parte para a conclusão final que poderá ser feita por um ou mais alunos;
- 2.9 — o professor fará o fechamento.

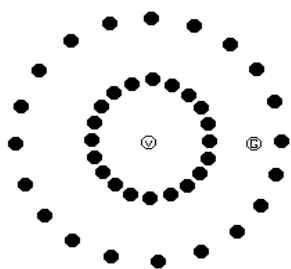
## 3 — Diagrama

### 1º FASE



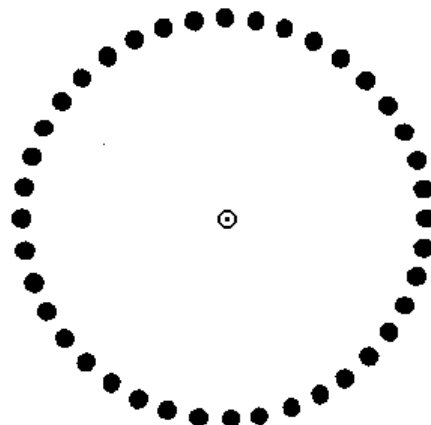
Círculo 1: GV1  
Círculo 2: GO1

### 2º FASE



Círculo 1: antigo GO novo GV  
Círculo 2: antigo GO novo GV

### 3º FASE



**Círculo 3: GV e GO juntos**

---

## **4 — Vantagens**

- 4.1 — Desenvolve a capacidade de observação, avaliação e crítica;
- 4.2 — Possibilita a análise de um mesmo problema em duas etapas ou a análise de dois assuntos que se complementam ou se opõem;
- 4.3 — Oportuniza que todos atuem como verbalizadores e como observadores.

## **5 — Precauções**

- 5.1 — Não permitir intervenção do grupo de observação no grupo de verbalização;
- 5.2 — Dar o mesmo tempo de discussão para os dois grupos de verbalização;
- 5.3 — Orientar o grupão, na terceira fase, para uma conclusão final.

## **6 — Sugestões para uso em língua portuguesa**

- 6.1 — Literatura: Romantismo e Realismo, Realismo e Naturalismo, etc.;
- 6.2 — Dissertação: Divórcio, Aborto, Feminismo (vantagens e desvantagens);
- 6.3 — Análise de obra literária: idéias principais e idéias secundárias;
- 6.4 — Vocabulário: sinonímia, antonímia, etc.

# **CÍRCULO DENTRO DO CÍRCULO**

## **1 — Preparação**

- 1.1 — Selecionar um tema para estudo;
- 1.2 — Solicitar aos alunos que estudem o assunto individualmente.

## **2 — Desenvolvimento**

### **1º FASE**

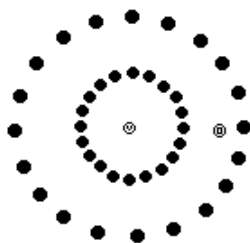
- 2.1 — Indicar os alunos que constituirão o grupo de verbalização: os outros farão parte do grupo de observação. Os alunos poderão ser indicados através de números. Os números pares formarão o grupo de verbalização e os ímpares o de observação;
- 2.2 — Indicar o tempo para discussão: 20 minutos no máximo;
- 2.3 — O grupo de verbalização vai debater o assunto em voz alta, até chegar a uma conclusão;
- 2.4 — Cada elemento do GO vai observar o trabalho do GV, de acordo com uma ficha específica de observação, distribuída pelo professor;

### **2º FASE**

- 2.5 — abrir o grupão para a conclusão final;
- 2.6 — dar chance para que o grupo do centro e o grupo de fora verbalizem as conclusões finais;
- 2.7 — realizar (o professor) o fechamento.

## **3 — Diagrama**

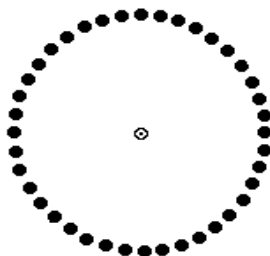
## 1º FASE



Círculo 1: GV  
Círculo 2: GO

---

## 2º FASE



Círculo 3: GV e GO juntos

---

### 4 — Vantagens

- 4.1 — Desenvolve a capacidade de avaliação, crítica e julgamento de idéias;
- 4.2 — Possibilita a observação sistemática orientada;
- 4.3 — Oportuniza a verbalização de todos: a dos verbalizadores e a dos observadores, quando fazem a crítica do desempenho do GV.

### 5 — Precauções

- 5.1 — Não permitir intervenção do grupo de observação no grupo de verbalização;
- 5.2 — Dar tempo suficiente para o grupo de verbalização e para cada elemento do grupo de observação;
- 5.3 — Controlar o tempo do grupo de observação;
- 5.4 — Orientar o grupão, na segunda fase, para uma conclusão final.

## BERLINDA

### 1 — Preparação

- 1.1 — Selecionar um tema controverso;
- 1.2 — Selecionar o grupo de defesa e o grupo de ataque: numerar os alunos, sendo que os pares constituirão o grupo de defesa e os ímpares o grupo de ataque;
- 1.3 — Selecionar um secretário para registrar as inscrições do grupo de ataque;
- 1.4 — Determinar tempo para o debate.

### 2 — Desenvolvimento

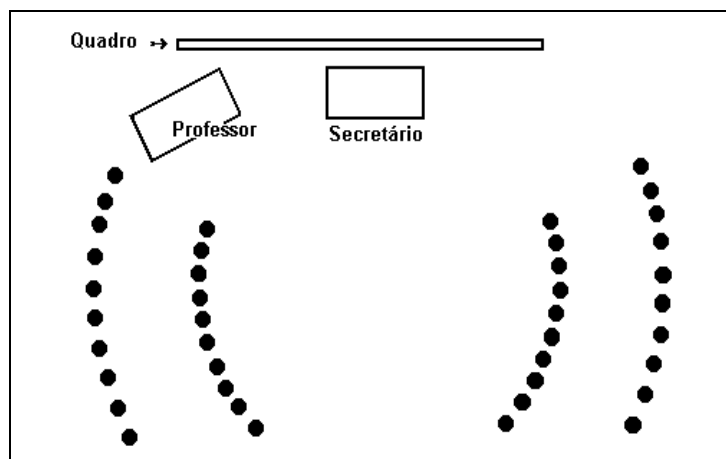
#### 1º FASE

- 2.1 — Os componentes do grupo de ataque inscrevem-se e aguardam a sua vez de falar;
- 2.2 — O secretário dá a palavra ao grupo de ataque, de acordo com as inscrições;
- 2.3 — As argumentações apresentadas pelo grupo de ataque são rebatidas pelo grupo de defesa, com rodízio na apresentação desse grupo;

#### 2º FASE

- 2.4 — Inverter os papéis: grupo de defesa passa ao ataque e vice-versa.

### 3 — Diagrama



## 4 — Vantagens

- 4.1 — Desenvolve o raciocínio lógico;
- 4.2 — Desenvolve a argumentação opositiva: prós e contras;
- 4.3 — Oportuniza aprofundamento do tema.

## 5 — Precauções

- 5.1 — Não permitir explicações paralelas;
- 5.2 — Exigir respostas fundamentadas, lógicas e claras;
- 5.3 — Evitar participação exclusiva de alguns membros;
- 5.4 — Delimitar o tempo;
- 5.5 — Forçar uma conclusão.

## 6 — Sugestões para uso em Língua Portuguesa

- 6.1 — Redação: discussão de idéias de temas polêmicos — Aborto, Eutanásia, Divórcio, etc.;
- 6.2 — Análise de obras literárias: argumentação a favor e argumentação contra a obra, personagens, etc.;
- 6.3 — Expressão Oral: organização lógica do pensamento para exposição oral;
- 6.4 — Literatura: posições favoráveis e contrárias sobre movimentos literários.

# EXPLOSÃO DE IDÉIAS

## 1 — Preparação

- 1.1 — Selecionar um problema, um tema, um conteúdo específico;
- 1.2 — Pedir aos alunos que meditem sobre o assunto proposto;
- 1.3 — Dar tempo para essa concentração individual.

## 2 — Desenvolvimento

### 1ª FASE: OU EXPLOSÃO DE IDÉIAS TEMPESTADE CEREBRAL

- 2.1 — Solicitação aos alunos para que exponham suas idéias com toda a liberdade possível;
- 2.2 — Seleção de um secretário no grande grupo;
- 2.3 — O secretário fará, no quadro, o registro de todas as idéias propostas pelos alunos;

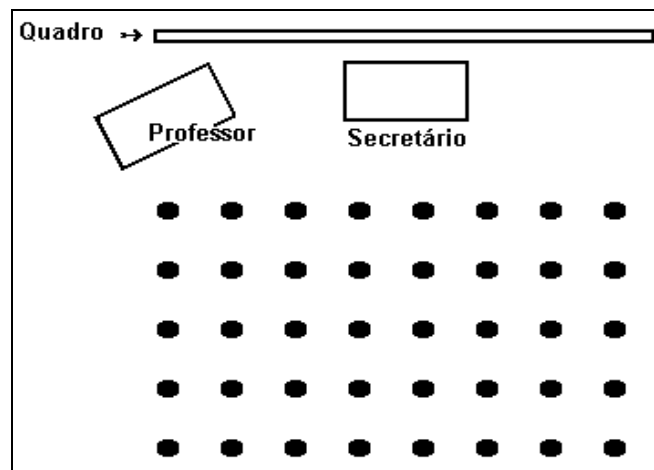
### 2ª FASE: ANÁLISE CRÍTICA

- 2.4 — Análise crítica das idéias surgidas;
- 2.5 — Ordenação lógica das idéias.

Obs.: O professor, se achar conveniente, fará o papel de secretário.

## 3 — Diagrama





## 4 — Vantagens

- 4.1 — Possibilita a livre expressão do pensamento;
- 4.2 — Enfoca o assunto de modo geral;
- 4.3 — Desenvolve habilidades e capacidades intelectuais;
- 4.4 — Possibilita a participação de todos os alunos;
- 4.5 — Cria um clima informal de trabalho.

## 5 — Precauções

- 5.1 — Delimitar bem o tema;
- 5.2 — Solicitar a participação de todos;
- 5.3 — Não permitir críticas na exposição de idéias;
- 5.4 — Não permitir a monopolização de alunos prolixos.

## 6 — Sugestão para uso em Língua Portuguesa

- 6.1 — Gramática: introdução de assunto gramatical (substantivo, verbo, pronome, etc.);
- 6.2 — Literatura: introdução de unidades (Modernismo, Realismo, etc.);
- 6.3 — Redação: levantamento de idéias para o texto dissertativo;
- 6.4 — Expressão Oral: organização lógica do pensamento para exposição oral.

## DISCUSSÃO EM PAINEL

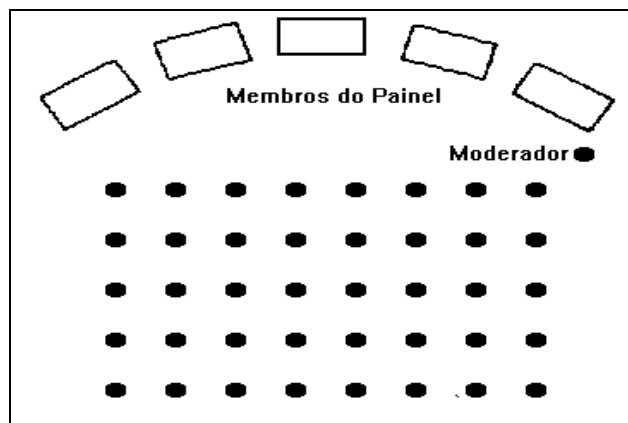
### 1 — Preparação

- 1.1 — Selecionar um tema para o painel;
- 1.2 — Pedir a todos que estudem o tema, indicando fontes ou textos;
- 1.3 — Selecionar membros do painel.

### 2 — Desenvolvimento

- 2.1 — Os componentes do painel discutem o assunto entre si em voz alta e clara, fundamentando seus argumentos com clareza;
- 2.2 — Os demais alunos anotam dúvidas e questões para esclarecimento posterior;
- 2.3 — O professor serve de moderador, combinando com os painelistas o plano ou roteiro da discussão e delimitando o tempo para cada tópico a ser debatido.

## 3 — Diagrama



#### **4 — Vantagens**

- 4.1 — Possibilita a interação entre os membros do painel;
- 4.2 — Promove a divisão de responsabilidades e trabalhos;
- 4.3 — Integra painelistas e grande grupo.

#### **5 — Precauções**

- 5.1 — Escolher um tema polêmico, para que a discussão não fique monótona;
- 5.2 — Selecionar cuidadosamente os membros do painel;
- 5.3 — Não permitir discussões entre os painelistas.

#### **6 — Sugestões para uso em Língua Portuguesa**

- 6.1 — Gramática: aprofundar um conteúdo gramatical (substantivo, adjetivo, verbo, preposições, funções sintáticas, etc.);
- 6.2 — Literatura: períodos, literários, personagens, obras, etc.
- 6.3 — Análise de filmes, palestras, visitas, exposições;
- 6.4 — Interpretação de texto: várias abordagens sobre um mesmo texto.

### **HUMOR CLINIC**

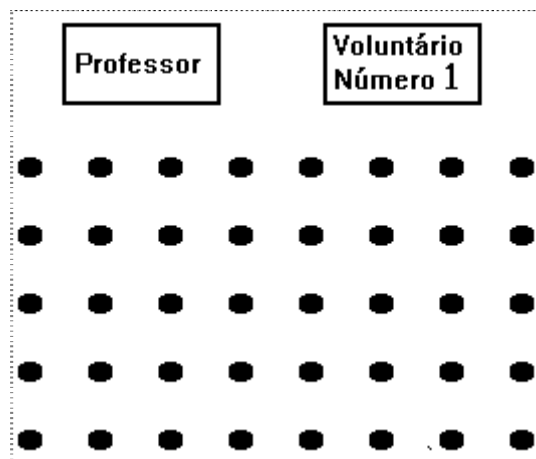
#### **1 — Preparação**

- 1.1 — Selecionar uma gravura ou uma cena projetada.

#### **2 — Desenvolvimento**

- 2.1 — Solicitar a participação de 5 voluntários, para a realização de uma experiência;
- 2.2 — Numerar os elementos de 1 a 5;
- 2.3 — Solicitar que o grupo de voluntários se retire da sala;
- 2.4 — Apresentar um estímulo desencadeador da atividade (gravura ou cena projetada) para o elemento nº 1 e para o grande grupo;
- 2.5 — Solicitar que entre na sala o elemento nº 2 e que o nº 1 explique a ele o que viu;
- 2.6 — Solicitar que entre na sala o elemento nº 3 e que o nº 2 explique a ele o que viu e assim sucessivamente;
- 2.7 — Apresentar, novamente, a gravura ou cena de estímulo a todos os alunos: grande grupo e grupo de voluntários;
- 2.8 — Promover uma discussão dialogada com o grande grupo;
- 2.9 — Oportunizar que os membros do grupo de voluntários relatem o que sentiram durante a realização da experiência.

#### **3 — Diagrama**



#### 4 — Vantagens

- 4.1 — Possibilita a constatação de que o aprender ouvindo é mais pobre do que o aprender vendo;
- 4.2 — É útil no estudo da percepção;
- 4.3 — Ilustra o fenômeno da interação referente à compreensão e da origem e do efeito do boato;
- 4.4 — Explora os elementos básicos da comunicação: emissor, mensagem e receptor;
- 4.5 — Analisa o ruído na transmissão da mensagem;
- 4.6 — Desenvolve a espontaneidade.

#### 5 — Precauções

- 5.1 — Evitar que estados de ansiedade exagerada do grupo de verbalização prejudiquem o andamento do trabalho;
- 5.2 — Escolher o estímulo inicial que se preste aos objetivos propostos.

#### 6 — Sugestão para uso em Língua Portuguesa

- 6.1 — Estudo dos substantivos e dos adjetivos. Em Português, há predominância de substantivos na comunicação. O adjetivo é uma partícula de caráter mais pessoal e emotivo do que o substantivo. Observar a ocorrência do substantivo e do adjetivo durante o desenvolvimento da técnica;
- 6.2 — Sinonímia: a sinonímia em geral não é fiel e concorre para a distorção da mensagem. Observar a utilização de sinônimos;
- 6.3 — Expressão Oral: oportuniza a verbalização por determinados elementos da classe;
- 6.4 — Expressão Escrita: permite o registro das comunicações do pequeno grupo pelos elementos do grande grupo, introduzindo a noção do relatório.

### JÚRI SIMULADO

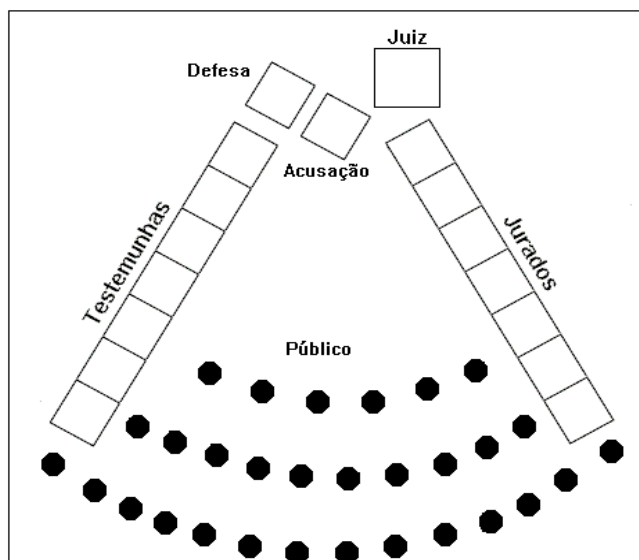
#### 1 — Preparação

- 1.1 — Selecionar um tema para estudo;
- 1.2 — Escolher textos que apresentem o tema através de pontos de vista contraditórios;
- 1.3 — Solicitar que os alunos estudem o tema individualmente ou em grupo;
- 1.4 — Solicitar leitura silenciosa dos textos apresentados.

#### 2 — Desenvolvimento

- 2.1 — Exposição da técnica de julgamento;
- 2.2 — O grupo elege os componentes do julgamento;
- 2.3 — Organização dos grupos de defesa e de acusação;
- 2.4 — Realização do júri: o juiz apresenta o caso, o promotor e o advogado de defesa inquiram as testemunhas e apresentam seus pontos de vista; o juiz instrui os jurados, o grupo de jurados retira-se e, depois, dá a sua opinião; o juiz dá o veredicto.

### 3 — Diagrama



### 4 — Vantagens

- 4.1 — Desenvolve a análise;
- 4.2 — Desenvolve a análise, o julgamento, o espírito crítico;
- 4.3 — Possibilita a expressão crítica do pensamento;
- 4.4 — Permite ouvir atentamente os dois lados de um determinado assunto, para tirar conclusões pessoais;
- 4.5 — Desenvolve a desinibição, a segurança e a autoconfiança na expressão do pensamento.

### 5 — Precauções

- 5.1 — Esperar o momento apropriado para expor os seus pontos de vista;
- 5.2 — Cuidar a mudança de opinião, quando a lógica oportunar;
- 5.3 — Escolher os elementos do júri;
- 5.4 — Controlar a disciplina;
- 5.5 — Ser claro nos objetivos de aplicação da técnica.

### 6 — Sugestões para uso em Língua Portuguesa

- 6.1 — Literatura: análise de autor ou personagem de obra literária;
- 6.2 — Escolas Literárias: acusação e defesa de um determinado período da Literatura;
- 6.3 — Expressão Oral: desenvolver a argumentação crítica na acusação e na defesa de pontos de vista, baseando-se em assunto da atualidade;
- 6.4 — Redação: suporte teórico para o texto dissertativo, enfocando assuntos da atualidade através de julgamento. Como exemplo, sugerimos a apresentação de um caso simulado, envolvendo uma situação problema (alguém que praticou eutanásia), para servir de base ao julgamento.

## FÓRUM

### 1 — Preparação

- 1.1 — Escolher uma situação adequada para a aplicação da técnica: após um filme, uma projeção de eslaides, uma visita, uma palestra, a leitura de um livro, etc.;
- 1.2 — Elaborar questões sobre o assunto selecionado.

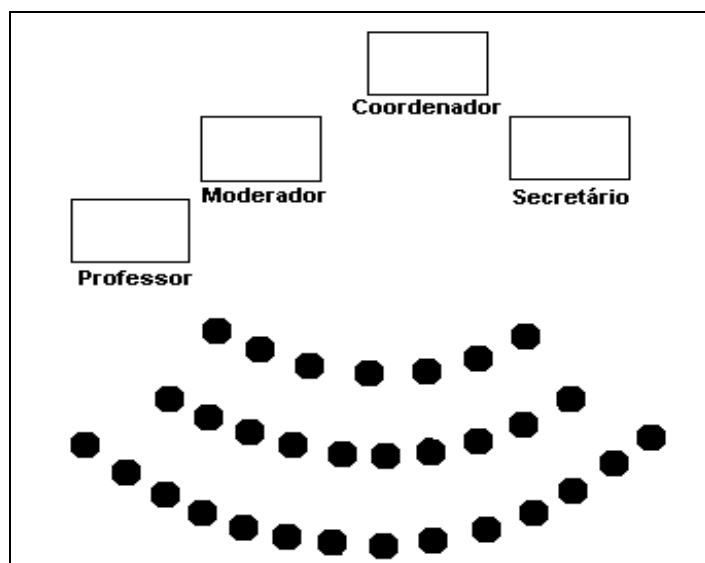
### 2 — Desenvolvimento

- 2.1 — Formar um grande grupo em semicírculos com todos os elementos da classe;
- 2.2 — Escolher um coordenador, um moderador e um secretário, para anotar as sínteses a que o grupão chegar;
- 2.3 — Propor as questões para o debate;
- 2.4 — Debater as questões com ordem, clareza de exposição e espírito crítico;
- 2.5 — Determinar tempo para o debate;

2.6 — Apresentar (o secretário) a síntese;

2.7 — Fazer (o professor) o fechamento;

### 3 — Diagrama



### 4 — Vantagens

4.1 — Informalidade na expressão de idéias ou opiniões;

4.2 — Desinibição dos participantes diante de um auditório;

4.3 — Manejo de um auditório, despertando a liderança.

### 5 — Precauções

5.1 — Falar alto e claro;

5.2 — Evitar o monopólio da palavra;

5.3 — Não permitir que o trabalho fique dispersivo;

5.4 — Cuidar para que haja ordem nas verbalizações.

### 6 — Sugestões para uso em Língua Portuguesa

6.1 — Expressão Oral: comentar um artigo de jornal ou de revista;

6.2 — Redação: levantar argumentos para um texto dissertativo;

6.3 — Literatura: análise de um livro, personagens, tempo, espaço, ação;

6.4 — Interpretação de texto: discutir as idéias principais e as secundárias de um determinado texto.

## DEBATE EM PÚBLICO

### 1 — Preparação

1.1 — Escolher um assunto oportuno e interessante;

1.2 — Apresentar o assunto em forma de perguntas;

1.3 — Selecionar os membros do corpo de debates, para que eles possam estudar o assunto antes da reunião.

### 2 — Desenvolvimento

2.1 — Selecionar um grupo de 7 a 8 alunos para o corpo de debates;

2.2 — Escolher o líder entre os membros do corpo de debates;

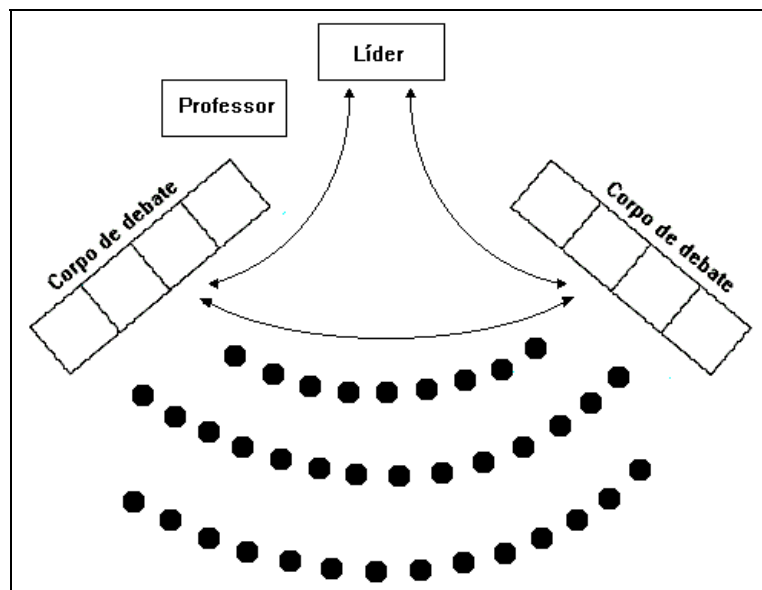
2.3 — Apresentar (o líder) o assunto em 5 ou 10 minutos;

2.4 — Seguir-se a discussão do grupo de debates com os demais alunos;

2.5 — Controlar (o líder) as participações, ressaltar os pontos de divergência, fazer resumos de vez em quando, convidar o público a participar;

2.6 — Trabalhar cooperativamente (os membros do grupo), auxiliando o líder a manter a discussão equilibrada.

### 3 — Diagrama



### 4 — Vantagens

- 4.1 — Troca de opiniões entre pessoas selecionadas, perante um determinado público;
- 4.2 — Útil, quando o grupo é grande demais, para que todos participem;
- 4.3 — Oportuniza a liderança;
- 4.4 — Auxilia a cooperação entre os elementos do grupo de debates e do grande grupo;
- 4.5 — Desenvolve o espírito reflexivo.

### 5 — Precauções

- 5.1 — Controlar o silêncio no grande grupo;
- 5.2 — Não permitir que os membros do corpo de debate levantem da cadeira durante a discussão;
- 5.3 — Controlar as participações dos membros do corpo de debate;
- 5.4 — Utilizar dois períodos geminados para o desenvolvimento da técnica.

### 6 — Sugestões para uso em Língua Portuguesa

- 6.1 — Redação: levantamento de idéias básicas para a dissertação;
- 6.2 — Interpretação de Texto: análise de um texto, partindo das perguntas-roteiro;
- 6.3 — Literatura: análise de escolas literárias, autores, obras, etc.;
- 6.4 — Expressão Oral: organização, logicidade, clareza do pensamento na exposição de idéias (filmes, exposições, visitas, etc.).

# TÉCNICAS DE PEQUENOS GRUPOS

## TÉCNICA DE GRUPOS SIMPLES

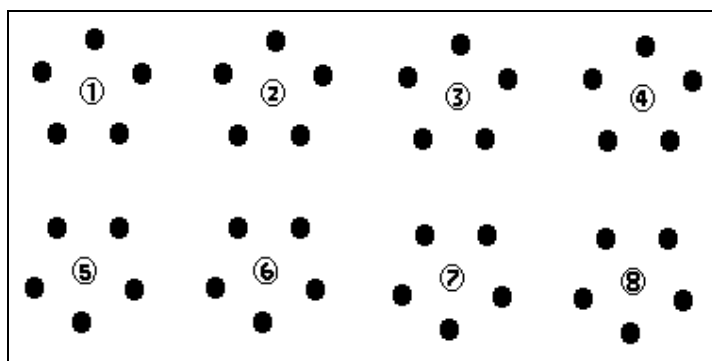
### 1 — Preparação

- 1.1 — Selecionar um tema para estudo;
- 1.2 — Selecionar material para estudo;
- 1.3 — Solicitar que os alunos preparem o tema individualmente, explorando o material de ensino;
- 1.4 — Propor claramente os objetivos do trabalho e a tarefa a ser realizada.

### 2 — Desenvolvimento

- 2.1 — Dividir a turma em grupos de 5 a 6 alunos;
- 2.2 — Apresentar os objetivos do trabalho e propor a tarefa aos pequenos grupos;
- 2.3 — Escolher as funções básicas para os componentes do grupo: coordenador, secretário e relator;
- 2.4 — Dar tempo para a discussão do assunto e a realização da tarefa;
- 2.5 — Solicitar que cada grupo relate a solução a que chegou;
- 2.6 — A partir das conclusões dos grupos, o professor realiza o fechamento;

### 3 — Diagrama



### 4 — Vantagens

- 4.1 — Marca o início do trabalho escolar socializado;
- 4.2 — Desenvolve a coesão grupal;
- 4.3 — Estimula a coesão grupal;
- 4.4 — Oportuniza o desenvolvimento da liderança;
- 4.5 — Aprofunda as opiniões pessoais sobre um determinado assunto;
- 4.6 — Inicia o desenvolvimento da colaboração para a realização da tarefa ou resolução de problema.

### 5 — Precauções

- 5.1 — Garantir que os alunos fiquem face a face;
- 5.2 — Providenciar para que cada grupo possua seu material;
- 5.3 — Oportunizar um clima informal para a realização do trabalho;
- 5.4 — Conscientizar os membros do grupo para a realização do trabalho;
- 5.5 — Não permitir que o trabalho fique dispersivo;
- 5.6 — Dar tempo suficiente para a realização da tarefa.

## COCHICHO

### 1 — Preparação

- 1.1 — Selecionar um tema para estudo;
- 1.2 — Solicitar aos alunos que façam um estudo prévio;
- 1.3 — Preparar perguntas sobre o tema proposto.

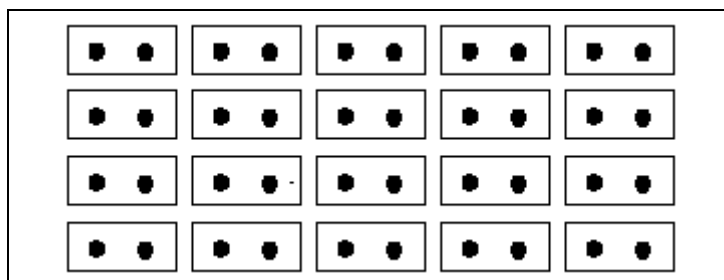
### 2 — Desenvolvimento

- 2.1 — A turma é dividida em pequenos grupos;
- 2.2 — Os grupos discutem o tema dentro do tempo proposto: 5 minutos no máximo;

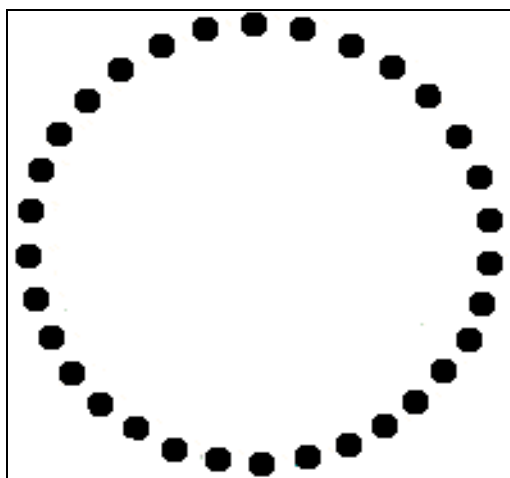
- 2.3 — Os grupos fazem relatório das conclusões: 5 minutos;
- 2.4 — Os líderes dos grupos lêem as conclusões;
- 2.5 — Forma-se um grande círculo para novos debates, tendo como ponto de partida as discussões dos grupos de cochicho.

### 3 — Diagrama

#### 1ª FASE



#### 2ª FASE



### 4 — Vantagens

- 4.1 — Todos os alunos participam individualmente;
- 4.2 — Facilita a análise de temas complexos;
- 4.3 — Oportuniza conhecer opiniões e pontos de vista dos alunos;
- 4.4 — A técnica é muito eficiente para grandes grupos.

### 5 — Precauções

- 5.1 — Controlar o barulho na sala de aula;
- 5.2 — Não permitir a monopolização de determinados alunos;
- 5.3 — Cuidar para que as etapas cochicho e elaboração de relatórios ocorram uma após outra.

### 6 — Sugestões para uso em Língua Portuguesa

- 6.1 — Gramática: definições, exemplificações, exercícios;
- 6.2 — Literatura: análise rápida sobre obra literária, opinião sobre autor, estilo, gênero, etc.;
- 6.3 — Redação: levantamento de idéias básicas para o preparo da redação;
- 6.4 — Expressão oral: levantamento de idéias básicas para a preparação de uma exposição oral sobre determinado tema.

## ZUNZUN

### 1 — Preparação

- 1.1 — Selecionar um tema;
- 1.2 — Solicitar aos alunos que façam um estudo prévio;
- 1.3 — Preparar uma pergunta bem clara sobre o tema proposto.

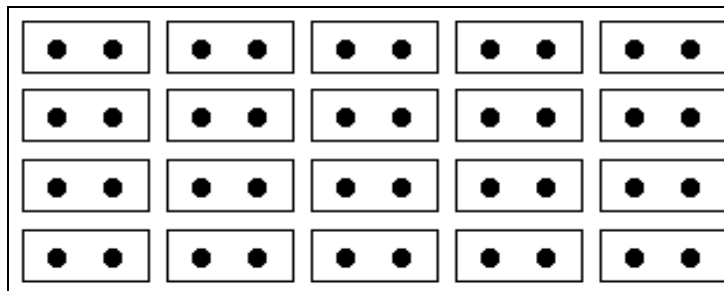
### 2 — Desenvolvimento

- 2.1 — Reunir os alunos dois a dois, agrupando-os pelo critério de proximidade;
- 2.2 — Cada aluno dispõe de dois minutos para externar sua opinião sobre o tema proposto;



- 2.3 — Cada grupo elabora uma conclusão;
- 2.4 — As conclusões são apresentadas oralmente por três ou quatro grupos, de acordo com a solicitação do professor;
- 2.5 — O professor realiza um fechamento, partindo das conclusões das duplas.

### 3 — Diagrama



### 4 — Vantagens

- 4.1 — Oportuniza a participação individual;
- 4.2 — É eficiente para grandes grupos;
- 4.3 — Não exige muita modificação da sala de aula.

### 5 — Precauções

- 5.1 — Evitar o barulho excessivo;
- 5.2 — Não permitir a monopolização de um dos elementos das duplas;
- 5.3 — Controlar o tempo da discussão.

### 6 — Sugestões para uso em Língua Portuguesa

- 6.1 — Gramática: definições, exemplificações, exercícios, uma questão problema, um período para analisar, etc.;
- 6.2 — Literatura: opinião sobre obra, personagem, estilo,
- 6.3 —
- 6.4 — Redação: uma caracterização, uma causa ou uma consequência na preparação do texto dissertativo.

## GRUPOS SUCESSIVOS

### 1 — Preparação

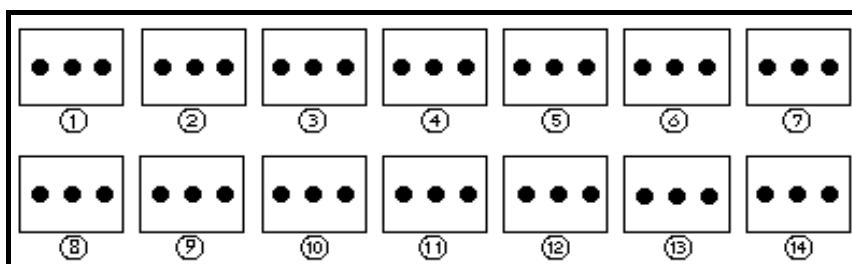
- 1.1 — Escolher dois temas para estudo;
- 1.2 — preparar material de consulta para os dois temas propostos;
- 1.3 — pedir que os alunos estudem individualmente os dois temas, explorando as fontes de consulta;
- 1.4 — formular perguntas.

### 2 — Desenvolvimento

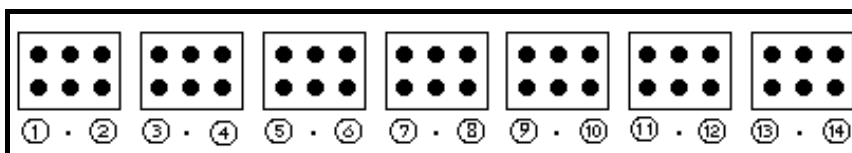
- 2.1 — Apresentar à classe, em termos bem gerais, o assunto a ser discutido;
- 2.2 — dividir a classe em grupos de três elementos;
- 2.3 — numerar os grupos com números pares e ímpares;
- 2.4 — entregar aos grupos perguntas, sendo que a do grupo par é diferente da do grupo ímpar;
- 2.5 — os grupos pares e ímpares respondem à pergunta;
- 2.6 — reunir os alunos em grupos de 6 elementos, formados por um grupo par e um ímpar;
- 2.7 — formular (o professor) uma nova pergunta;
- 2.8 — responder (o grupo) à pergunta;
- 2.9 — expor (o relator do grupo) a resposta da classe;
- 2.10 — analisar (o professor), com o grande grupo, as respostas, e fazer um fechamento.

### 3 — Diagrama

## 1ª FASE



## 2ª FASE



### 4 — Vantagens

- 4.1 – Examinar dois conteúdos separadamente;
- 4.2 – Relacionar dois conteúdos, indicando pontos de semelhança e de oposição;
- 4.3 – Evitar “panelinhas”, oportunizando aos alunos o trabalho com vários colegas diferentes.

### 5 — Precauções

- 5.1 – Evitar o barulho da movimentação das classes;
- 5.2 – Cuidar para que a classe tenha um número par de grupos;
- 5.3 – Cuidar para que a divisão dos grupos seja homogênea. Sendo necessário formar grupos de dois alunos;
- 5.4 – Dar tempo necessário para a discussão nas duas fases.

## PHILLIPS

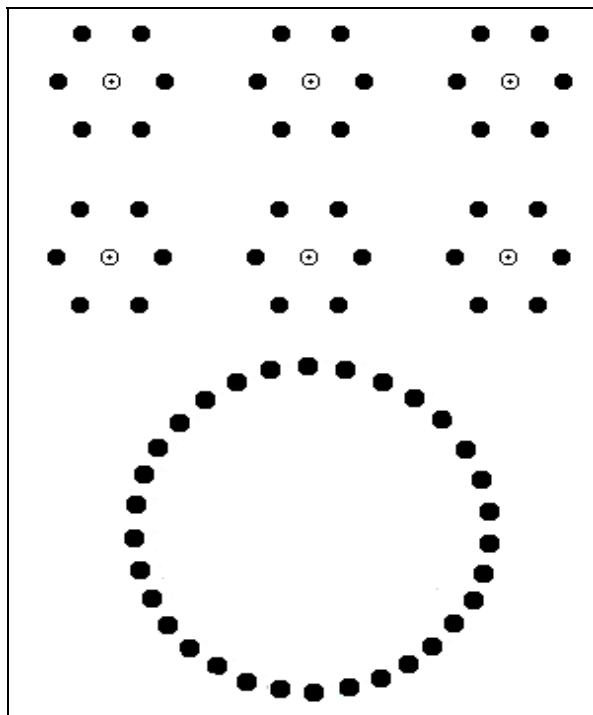
### 1 — Preparação

- 1.1 – Elaborar uma pergunta-chave para desencadear a discussão;

### 2 — Desenvolvimento

- 2.1 – Dividir a turma em grupos de 6 alunos;
- 2.2 – Propor a pergunta-chave;
- 2.3 – Dispor (cada aluno) de um minuto para responder à pergunta chave;
- 2.4 – Organizar (o grupo) uma conclusão, depois das participações individuais;
- 2.5 – Formar um grupão, onde são verbalizadas e discutidas as conclusões.

### 3 — Diagrama



#### **4 — Vantagens**

- 4.1 – Oportuniza que todos os alunos dêem a sua opinião;
- 4.2 – Permite um máximo de rendimento em um mínimo de tempo;
- 4.3 – Ajuda a desinibição dos alunos mais tímidos;
- 4.4 – Evita o monopólio da discussão por líderes autoritários.

#### **5 — Precauções**

- 5.1 – Formar grupos de seis elementos. Não sendo possível, adaptar;
- 5.2 – Controlar a participação de todos os elementos;
- 5.3 – Não permitir que líderes ocupem o espaço de outros colegas;
- 5.4 – Controlar o barulho na sala.

#### **6 — Sugestões para uso em Língua Portuguesa**

- 6.1 – Gramática: em exercícios do tipo falso ou verdadeiro, em que cada aluno dá a sua resposta e justifica a sua opinião; em definições de substantivo, adjetivo, verbo, advérbio, pronome, etc.; em exemplificações de substantivos, adjetivos, advérbios, etc.;
- 6.2 – Interpretação de texto: oportunidade de todos os alunos externarem a sua opinião sobre a compreensão de um texto;
- 6.3 – Redação criativa: cada aluno dá a sua opinião sobre a criação de uma historinha;
- 6.4 – Literatura: manifestação de todos os alunos a respeito de um aspecto da Literatura; uma característica de movimento literário, um exemplo de autor de determinada escola, uma breve explicação sobre estilo, etc.

### **PAINEL COM PERITOS E INTERROGADORES**

#### **1 — Preparação**

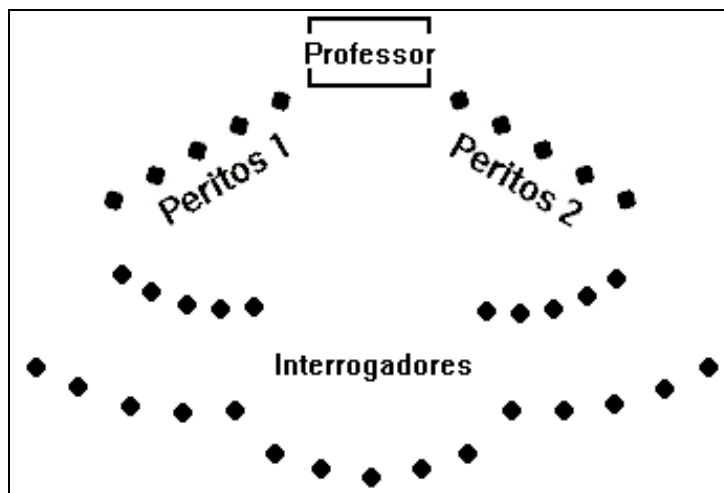
- 1.1 – Selecionar um tema para estudo;
- 1.2 – O professor propõe a situação problema que pode ser um tema novo ou um já estudado;
- 1.3 – O professor indica as fontes de consulta;
- 1.4 – Os alunos preparam-se individualmente e discutem suas dúvidas nos pequenos grupos.

#### **2 — Desenvolvimento**

- 2.1 – Divisão da turma em grupos de 5 a 6 alunos;
- 2.2 – Seleção de 2 grupos de peritos (os demais funcionarão como interrogadores);
- 2.3 – Os grupos de peritos estudam, analisam e aprofundam o tema;

- 2.4 – Os grupos de interrogadores estudam o tema, elaborando perguntas sobre o mesmo;
- 2.5 – O professor é o moderador, dando tempo para a resposta dos peritos e indicando os interrogadores;
- 2.6 – Se o perito indicado não souber responder à pergunta feita, ele poderá recorrer aos seus companheiros de grupo, consultando-os, para, dar a resposta;
- 2.7 – Se o grupo de interrogadores estiver satisfeito com a resposta à pergunta, passa à pergunta seguinte; se não estiver, solicita a um outro perito que complemente a resposta.

### 3 — Diagrama



### 4 — Vantagens

- 4.1 – Explora o conhecimento de alguns alunos no grupo de peritos;
  - 4.2 – Treina a habilidade de formular perguntas;
  - 4.3 – Torna mais claro e acessível um tema complexo;
  - 4.4 – Investiga a fundo determinado assunto.
-

# NA COMUNICAÇÃO

Somos todos robôs, quando envolvidos sem consciência crítica com nossas tecnologias.

Marshall McLuhan

Os recursos audiovisuais são técnicas de comunicação que os professores utilizam com a finalidade de facilitar a aprendizagem dos alunos.

O uso de recursos audiovisuais teve sua origem em época bem remota, pois desde o período das cavernas já eram utilizados para facilitar a comunicação. Como exemplo, indicamos as setas que os caçadores faziam nas cavernas, para indicarem aos caçadores mais novos os lugares onde poderiam abater os animais com mais facilidade.

Na segunda grande guerra, os nazistas e os aliados também usavam recursos audiovisuais para estabelecer comunicação com o objetivo de treinar maior contingente de soldados em menor espaço de tempo.

Como nos a História, o uso de recursos não é uma inovação. O que fazemos, atualmente, é aliar recursos auditivos e visuais em situações de ensino-aprendizagem com a finalidade de melhorar o desempenho dos professores e aumentar a possibilidade de aprendizagem dos alunos. Portanto, as técnicas de utilização de recursos audiovisuais são muito válidas, principalmente na difícil tarefa do ensino da Língua Portuguesa.

## Objetivos do uso de recursos audiovisuais

- a) transmitir os conhecimentos com mais facilidade;
- b) transmitir os conhecimentos com mais clareza;
- c) evitar dúvidas;
- d) ensinar mais em menos tempo;
- e) despertar maior interesse;
- f) despertar e manter a atenção dos alunos;
- g) diminuir falhas no processo de comunicação;
- h) observar a ocorrência de fenômenos muito lentos ou muito rápidos;
- i) oportunizar a apresentação de fatos distantes no tempo e no espaço;
- j) lembrar fatos que poderiam ser esquecidos;
- l) manter a seqüência da apresentação do assunto;
- m) proporcionar o desenvolvimento do raciocínio e da iniciativa;
- n) proporcionar o desenvolvimento da criatividade;
- o) desenvolver capacidades e habilidades intelectuais;
- p) desenvolver o espírito crítico.

## Escolha de recursos audiovisuais

Antes de escolher os recursos audiovisuais a serem utilizados, o professor deve submetê-los a uma crítica, a fim de verificar se realmente eles irão auxiliá-lo a atingir os objetivos propostos.

O bom senso do professor será o termômetro norteador na escolha do recurso que será utilizado.

De acordo com o professor Júlio Mariano Wierzynski, os elementos para a avaliação e seleção dos recursos audiovisuais são os seguintes:

- 1) Está atualizado com época em referência?
- 2) Guarda relação com a realidade?
- 3) Alcança o objetivo visado?
- 4) É de utilidade comprovada?
- 5) Guarda simplicidade na execução e na apresentação?
- 6) Mantém imparcialidade quanto a raça, cor, credo ou partido político?
- 7) Mantém equilíbrio entre ilustração e palavras?
- 8) É relativamente econômico?
- 9) Poderá ser compreendido pela assistência?
- 10) Tem estética apresentável?

## Importância da utilização dos recursos audiovisuais

Como os recursos audiovisuais são meios de comunicação que apelam para a visão e para a audição, é importante lembrar o que dizem os especialistas no assunto, ou seja, a aquisição dos conhecimentos ocorre:

<b>85%</b>	<b>pela visão;</b>
<b>10%</b>	<b>pela audição;</b>
<b>5%</b>	<b>pelos outros sentidos.</b>

Lembrando também um antigo ditado hindu que diz: *“As coisas que eu lembro eu esqueço, as coisas que eu vejo eu lembro, as coisas que eu faço eu aprendo”*, verificamos que é preciso haver uma reformulação nos métodos de ensino que empregamos.

Sabemos que a aula expositiva, “aula de salvação”, deve ser modificada, apresentando-se experiências mais concretas aos nossos alunos. Por isso, na difícil tarefa de ensinar a Língua Portuguesa, convém uma retomada sobre a possibilidade da utilização de recursos que nos permitirão um ensino mais efetivo.

## ILUSTRAÇÕES

O professor poderá trazer ilustrações para a sala de aula. Entretanto, é mais válido que os alunos ilustrem seus trabalhos.

As ilustrações podem ser feitas com figuras, desenhos e colagens.

O uso de ilustrações permite o desenvolvimento das habilidades de compreensão, análise e síntese.

### Sugestões para uso em Língua Portuguesa

**1 – Interpretação de Textos:** textos em prosa, poesia, artigos de revista, artigos de jornal, etc.

**2 – Interpretação de Obra Literária:** o uso de figuras e desenhos ajuda a compreensão da obra literária. As ilustrações podem ser feitas de partes da obra ou da obra como um todo.

**3 – Gramática:** as ilustrações podem ajudar muito a compreensão de determinados aspectos gramaticais. As caricaturas e os desenhos ilustrativos aparecem em alguns livros com o objetivo de tornar a compreensão mais acessível ao aluno.

Apresentamos nas páginas seguintes alguns tipos de ilustrações feitos por alunos.

## O CARTAZ

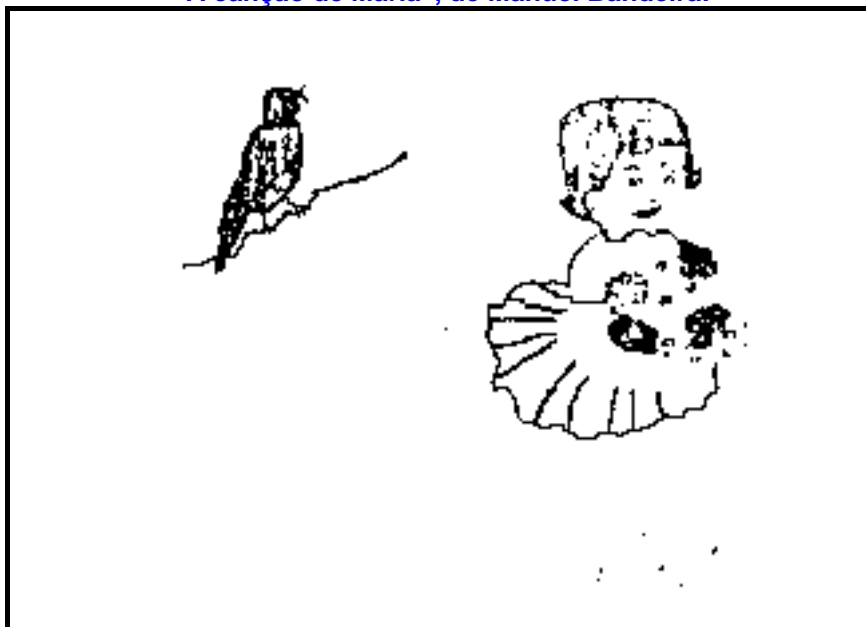
O cartaz é um dos recursos audiovisuais mais simples. É um veículo gráfico caracterizado pela forma, cor e texto com a finalidade de transmitir uma mensagem.

O cartaz deve ser simples, claro, legível, original, exigindo capacidade criativa do cartazista.

**Figura ilustrativa da poesia  
"Coração", de Guilherme de Almeida:**

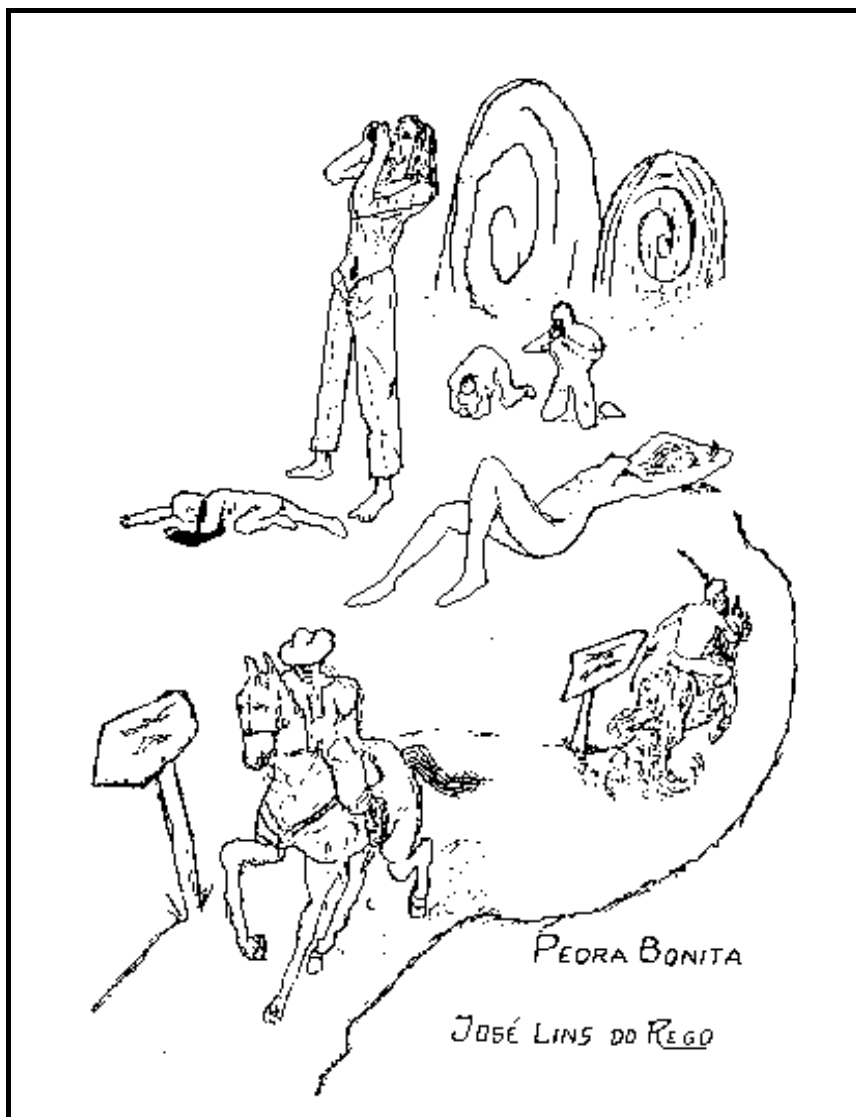


**Desenho ilustrativo da poesia  
"A canção de Maria", de Manuel Bandeira:**



**OBS: trabalhos de alunos de 1.º grau.**

Desenho ilustrativo da obra "Pedra Bonita",  
de José Lins do Rego:

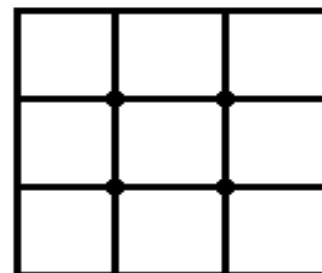
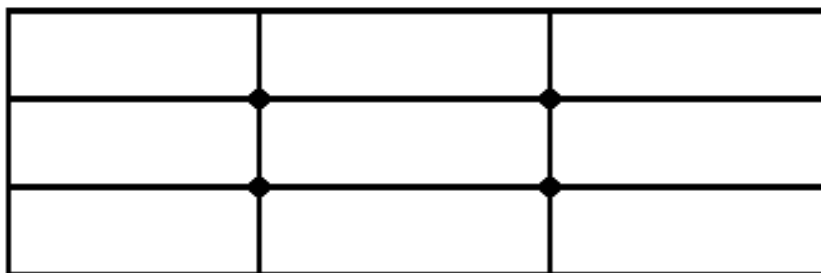


**OBS: aluno de 2.º grau.**

O tema, o texto, a ilustração, a cor, tudo deve ser distribuído de forma harmônica no cartaz.

A comunicação mais importante de ficar nos pontos fortes do cartaz, ou seja, nos nós que se formam, quando o dividimos em três partes, quer horizontal, quer verticalmente.

Exemplo:





## Sugestões para uso em Língua Portuguesa

**1 – Elaboração do professor:** o professor poderá elaborar o cartaz como elemento de incentivo para atividades criativas, para chamar atenção para alguma coisa, etc.

**2 – Elaboração do aluno:** O aluno poderá elaborar cartazes com diversas finalidades:

- a) sintetizar a idéia central de um texto;
- b) sintetizar capítulos de obra literária;
- c) sintetizar o conteúdo total da obra literária;
- d) esquematizar assunto gramatical, etc.

## FOLHAS MURAIIS

As folhas murais constituem-se em excelentes auxiliares no ensino da expressão oral e escrita.

Os murais podem ser feitos em grupo ou individualmente. Consideramos o mural como um material gráfico, como um recurso, um ponto de partida para o estudo da Língua Portuguesa. Por isso, a organização gráfica não deve ser a principal preocupação do professor, que se ocupará, principalmente, com os aspectos pertinentes ao estudo da língua.

**1 – Mural individual e suas variações:** o mural individual (minimural) deve ser feito em folha de desenho.

1 – Minimural com figura:

- a) dados de identificação;
- b) figura;
- c) frase pesquisada;
- d) frase própria.

2 – Minimural com desenho:

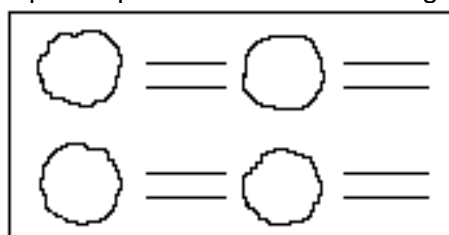
- a) dados de identificação;
- b) desenho;
- c) frase pesquisada;
- d) frase própria.

3 – Minimural com colagem:

- a) dados de identificação;
- b) colagem (mistura de figuras, desenhos e outras técnicas);
- c) frase pesquisada;
- d) frase própria.

**2 – Mural grupal:** o mural grupal deve ser feito em folha de cartolina. É muito importante destacar o fato de que o trabalho é grupal, mas que cada participante do grupo precisará desenvolver a sua parte. Portanto, cada elemento faz o seu trabalho individual, observando, porém, a coerência e a participação de todo o grupo.

Exemplo esquemático de um mural grupal:



O mural grupal deverá conter:

- a) dados de identificação do grupo;
- b) figuras, desenhos ou colagens (tantos quantos forem os componentes do grupo);
- c) frases pesquisadas (tantas quantas forem os componentes do grupo);
- d) frases próprias (tantas quantas forem os componentes do grupo).

## Sugestões para uso em Língua Portuguesa

**1 – Estudo da frase:** os murais oportunizam o exercício da frase, que através da pesquisa das frases de autores, quer através da criação de frases próprias.

**2 – Aula de fala:** os murais servem como ponto de partida para a aula de fala, pois o aluno deverá explicar para a classe o relacionamento existente entre a ilustração, a frase pesquisada e a frase própria.

**3 – Redação:** os murais permitem o surgimento de uma série de idéias, que poderão servir de incentivo e auxiliar a criação da redação escolar.

**4 – Gramática:** através das frases apresentadas nos murais, o professor poderá explorar aspectos gramaticais relacionados à ortografia, acentuação, pontuação, vocabulário, etc.

**Observações:** as idéias para a criação dos murais poderão surgir de diversos modos:

**a)** texto apresentado em aula (neste caso, a frase pesquisada pelo aluno pode ser selecionada do próprio texto);

**b)** obra literária;

**c)** problemas atuais;

**d)** tema integrador da unidade de ensino, etc.

Nos murais grupais, deve haver uma unidade em relação ao tema.

## HISTÓRIA EM QUADRINHOS

Muitos professores desconhecem a importância que a utilização das histórias em quadrinhos podem ter no ensino da Língua Portuguesa. Além de servirem de material de análise, leitura e crítica, elas podem constituir-se em recurso muito útil na composição, ou seja, na expressão oral e escrita.

Vamos falar especificamente de uma técnica de criação de historinhas, partindo das revistas de história em quadrinhos.

### Criação de historinhas

**1)** escolher uma revista de história em quadrinhos;

**2)** selecionar duas páginas da revista escolhida (as páginas devem ter seqüência);

**3)** colar as páginas escolhidas em folha de desenho;

**4)** cobrir os balões com folha ofício branca, a fim de que não apareçam as frases nelas contidas (os balões podem ser recortados com lâminas);

**5)** criar uma historinha com início, desenvolvimento e fim, partindo do esquema proposto – quadrinhos selecionados;

**6)** apresentar, oralmente, a historinha para a classe.

### Observações

**1)** Esse exercício desenvolve a organização lógica do pensamento e oportuniza o desenvolvimento da expressão oral e escrita.

**2)** Também é possível recriar histórias completas (histórias curtas). É importante primeiro propor a tarefa de cobrir os balões, para depois passar à criação da história, a fim de evitar as paráfrases e desenvolver a criatividade.

## RECONSTRUÇÃO DE LIVRO

A reconstrução de livro é um recurso muito simples, mas de grande efeito no ensino e na aprendizagem das obras literárias. Trata-se de montar um livro — o livro lido — nas suas partes principais, como se estivéssemos montando uma obra nova com a síntese da obra lida.

Para explicitarmos melhor o uso do recurso, vamos colocar as etapas de trabalho, uma a uma, na ordem em que devem ocorrer:

**1)** dividir a turma em grupos;

**2)** distribuir as leituras para cada grupo (o grupo deve ler o mesmo livro) dentro de um determinado critério: obras de um mesmo autor, obras de uma escola literária, etc.;

**3)** dar tempo para a leitura (leitura extraclasse);

**4)** depois da leitura, dividir tarefas entre os comportamentos do grupo, a fim de cada grupo monte um livro, baseado no livro que leu, que possa ser manipulado pela classe.

Montagem do livro: cada componente do grupo terá uma atividade específica que poderá variar entre:

**1)** criar a capa;

**2)** elaborar dados para a orelha esquerda;

**3)** elaborar dados para a orelha direita;

**4)** elaborar um prefácio;

- 5) fazer uma crônica sobre a obra;
- 6) fazer uma charge;
- 7) escrever a síntese;
- 8) elaborar um comentário;
- 9) fazer uma propaganda, etc.

O professor deverá dar tantas tarefas quantos forem os componentes dos grupos, de modo que cada um trabalhe isoladamente, para, depois, com o grupo, montar uma obra.

Depois que as obras forem montadas, elas deverão ser apresentadas à classe: processo de trabalho, aspectos positivos, negativos, crítica, etc. Depois da apresentação oral, as “novas obras” deverão circular entre os grupos e todos os alunos da classe deverão ler os trabalhos dos outros grupos.

Observação: o professor poderá adaptar o uso do recurso de acordo com a sua criatividade. É um recurso muito válido no ensino do 2º Grau.

## FANTOCHES

**1 — Caracterização:** fantoches são bonecos, caixas de fósforos, escovas, flores, etc., que servem para comunicarmos o que queremos dizer a outras pessoas. Fantoches são quaisquer objetos a que podemos dar animação, movimento e voz e podem ser utilizados para desenvolver uma história ou dialogar com o público o com os alunos.

**2 — Objetivos:** entreter, divertir, mostrar situações da vida real, fazer pensar, fazer refletir, motivar alunos ou pessoas (público) a discutirem os problemas que tem, oportunizar a participação dos alunos, integrar o grupo, expressar opiniões, etc.

**3 — Formação do grupo:** antes de formar o grupo, devem estar bem claros os objetivos — para que e por que fazer fantoches?, que tipo de comunicação queremos fazer?, a quem vamos dirigir essa atividade? Depois de esclarecidos os objetivos, o grupo forma-se com 4 ou 5 componentes, incluindo gente que cante, pinte, imite, faça carpintaria, costure, etc. Quanto mais variado, melhor será um grupo de fantoches.

**4 — Palco:** é o espaço destinado a ocultar o fantocheiro dos olhos do público. A altura do palco dependerá do tamanho de quem vai manejar os bonecos e em relação ao público a quem é dirigido o trabalho. Se o teatro é para crianças, o palco deve ser pequeno; se o teatro é para adultos, é conveniente que seja um pouco maior.

**a) Boca de cena:** espaço onde os fantoches aparecem.

**b) Palcos improvisados:** marco de uma porta, uma janela, portas abertas, onde fechamos uma parte, etc.

**c) Palcos normalmente usados:** biombos de madeira e lona que ocultam os fantocheiros como se fossem uma pequena casa de três paredes. As laterais podem ser decoradas com os motivos do texto a ser apresentado. Entretanto, deve-se provocar a imaginação do espectador com o próprio boneco, fazendo com que ele crie o espaço, o lugar onde está se desenvolvendo a cena.

**5 — Lugar de representação:** os espectadores precisam ver e ouvir os bonecos. Por isso, o lugar da representação deve estar bem iluminado e perto dos espectadores. Os lugares fechados são os melhores para o teatro de bonecos, pois a voz não se perde como nos lugares abertos.

**6 — Como manejar os bonecos:** os bonecos são manejados com as mãos, que devem ser sensíveis e mover-se em todas as direções. Usamos normalmente três dedos: o indicador para a cabeça, e o polegar e o médio para os braços. Devemos lembrar que os bonecos se movimentam no palco e, por isso, o movimento dos braços é muito importante. Os bonecos movem-se no palco como se fossem atores, tendo ritmo, coordenação, levantando-se, agachando-se, etc.

**7 — A voz:** o teatro de fantoches é um dos melhores recursos para treinamento de expressão oral. Volume, clareza, dicção, entonação são requisitos básicos para a apresentação de um teatro de bonecos e exigem muita preparação e ensaio.

**8 — A coordenação:** é a relação harmônica entre o que o boneco faz e diz e entre o que fazem os vários bonecos.

**9 — Como preparamos uma peça para teatro de fantoches:** devemos observar os seguintes passos: o objetivo, o tema, o resumo das informações, o ambiente e os personagens, o argumento, as cenas e o roteiro.

**10 — Como montamos um teatro de fantoches:** depois do roteiro escrito, funções devem ser divididas: quem manejará cada boneco, quem se encarregará do cenário, quem fará a iluminação, quem fará a sonoplastia.

Observar a seqüência: redação do texto, confecção dos bonecos, confecção do teatro, ensaio e apresentação.

**Observação:**

**1)** O teatro de fantoches utilizado na escola normalmente é adaptado. Usam-se bonecos já existentes e aproveita-se para explorar a habilidade redacional do aluno. Logo, para o mesmo palco e para o mesmo conjunto de bonecos podemos ter tantas histórias quantos forem os grupos existentes em classe.

**2)** O teatro de fantoches ajusta-se mais ao ensino de 1º grau (todas as séries), mas pode ser usado no ensino de 2º grau, fazendo-se algumas adaptações.

A seguir, apresentaremos o teatrinho MA-TE-CO Disneylândia, onde são apresentados seis personagens de Disney (Mickey, Donald, Pluto, Tio Patinhas, Pateta e Minie) com um diálogo já pronto. Os bonecos são de plástico da linha MA-TE-CO. A partir desses seis personagens, várias histórias podem ser criadas. A mesma idéia pode servir para outro tipo de bonecos, além, é claro, da imaginação e da criatividade do professor.

**DIÁLOGO PROPOSTO PELA MA-TE-CO PARA SEUS  
PERSONAGENS — FANTOCHES**

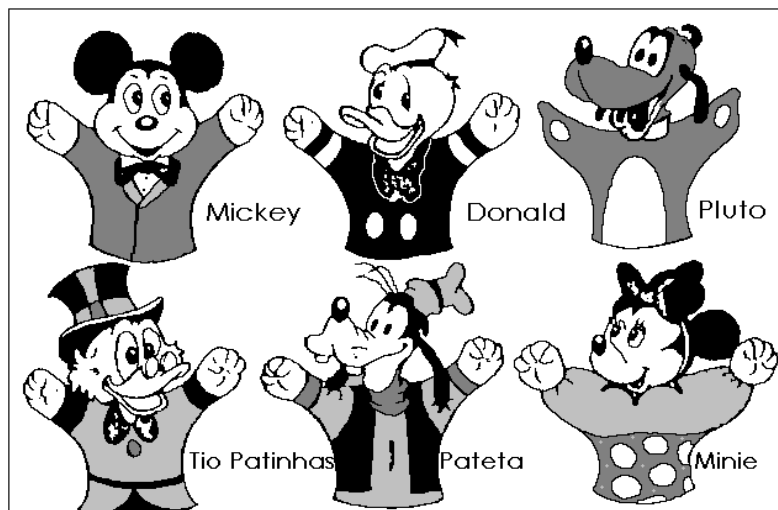
**Pato Donald:** — Olá, Tio Patinhas, como vai o senhor?

- Tio Patinhas:** — Mal, Donald ...mal ...cada dia que passa está mais difícil de ganhar dinheiro, desse jeito vou acabar indo à falência.
- Pateta:** — Esse Tio Patinhas não toma jeito mesmo, é podre de rico, mas está sempre reclamando da sorte.
- Minie:** — Tem razão, Pateta, tem ...oba, lá vem o Mickey com o Pluto.
- Pluto:** — Au, au, au, passear ou paquerar?
- Tio Patinhas:** — Já que estamos todos reunidos aqui, poderemos tomar um lanche.

### Exemplo de um teatro de fantoches — Teatro de fantoches MA-TE-CO



### Exemplo dos fantoches da MA-TE-CO — fantoches de plástico:



- Pato Donald:** — Onde?!!
- Tio Patinhas:** — Bem... sabe, eu estou sem dinheiro aqui comigo...
- Minie:** — Pode deixar, Tio Patinhas, não vamos gastar dinheiro, vamos lanchar em minha casa.
- Mickey:** — Boa idéia...
- Pateta:** — Iac, iac, também acho.

Agora, para terminar a história, vocês devem usar a imaginação.

## RETROPROJEÇÃO

O retroprojetor é um dos recursos audiovisuais mais recentes. Pode ser usado com vários objetivos, desde a complementação ou ilustração de uma aula expositiva até o teatro.

### Vantagens

- não exige escurecimento da sala;
- a projeção é feita para trás; portanto, o professor pode ficar de frente para a classe;
- substitui o quadro-verde em desenhos e explicações que exigem maior elaboração;

- d) o professor pode preparar o material com antecedência;
- e) o professor pode fazer esquemas e desenhos durante a exposição;
- f) possibilita revisão através da repetição das projeções;
- g) é de fácil transporte;
- h) é de fácil manejo;
- i) não requer habilidades específicas de especialista em retroprojeção;
- j) oportuniza trabalhos criativos.

### Uso

O retroprojektor é de fácil manejo. Entretanto, deve-se ter alguns cuidados especiais ao utilizá-lo. A lâmpada não pode ficar ligada por muito tempo. Os aparelhos mais modernos tem dois botões, um para ligar o ventilador, outro para ligar a lâmpada. Ligar, primeiramente, o ventilador para, depois, ligar a lâmpada. Desligar primeiro o botão da lâmpada, para, depois, desligar o do ventilador.

Se o aparelho ficar ligado muito tempo, 20 a 30 minutos, convém resfriá-lo bem antes de desligá-lo, ou seja, deixar o ventilador ligado alguns minutos antes de desligar a lâmpada.

### Transparências

Chamamos de transparências ou lâminas os visuais que são usados no retroprojektor. O tamanho das transparências deve ser de 19 centímetros de largura por 24 centímetros de comprimento.

Há material especial para confecção de lâminas. Ele pode ser adquirido em casas especializadas. Observe-se que, para as transparências especiais, é necessário usar canetas especiais. Entretanto, o material pode ser confeccionado com papel celofane comum e canetas hidrográficas comuns. É interessante experimentar o material, porque a certos tipos de celofane muitos lisos, onde a tinta não fica retida.

### Aplicações específicas em Língua Portuguesa

O retroprojektor é um recurso audiovisual de grande valia para auxiliar o estudo da Língua Portuguesa. Ele pode ser manipulado pelo professor e também pelos alunos.

### Sugestões para uso em Língua Portuguesa

**1 — Aula expositiva:** o professor pode elaborar esquemas em lâminas e explicar determinadas partes do conteúdo partindo dos referidos esquemas. Conteúdos gramaticais prestam-se muito a esse tipo de aula.

**2 — Aula expositiva dialogada:** da mesma forma que na aula expositiva, é de grande utilidade o retroprojektor. O professor pode trazer lâminas prontas para a classe e ir utilizando-as de acordo com o desenvolvimento da aula. Pode, também, a partir das colocações dos alunos, ir reforçando determinados comportamentos, sublinhando as partes significativas, ou fazendo anotações para discuti-las com eles.

**3 — Interpretação:** nas interpretações de texto, música, obra literária, o retroprojektor é um dos melhores recursos. Os alunos podem reunir em grupos e elaborar uma montagem gráfica do que interpretaram. Esse tipo de trabalho explora a compreensão, a análise, a síntese e o julgamento. No caso de uma música, por exemplo, todos os grupos iriam interpretá-la através de uma seqüência de lâminas com desenhos, usando celofane, caneta hidrocolor, papel comum, etc. Durante a projeção no retro, a música seria tocada. Depois da apresentação de todos os grupos, haveria análise dos trabalhos apresentados. Esse tipo de aula pode favorecer a desinibição e a criatividade.

**4 — Seminário:** depois de realizado um seminário sobre um determinado assunto, gramática ou literatura, ou mesmo interpretação de algum texto, as conclusões do trabalho (grupal ou individual) poderão ser apresentadas em lâminas para a apreciação do grande grupo.

**5 — História em quadrinhos:** os alunos podem criar histórias em quadrinhos, confeccioná-las em lâminas e apresentá-las para a classe. A partir das histórias criadas pelos alunos, o professor poderá aproveitar para explorar aspectos lingüísticos que se mostram deficientes e que devam ser melhorados ou colocados numa norma mais culta.

**Cineminha:** uma variação da história em quadrinhos na retroprojeção é o cineminha: fazer um quadro em papel embrulho comum e ir passando os quadrinhos um a um de acordo com a seqüência da história criada. O quadro de papel comum deve ser colocado sobre o retro, deixando apenas o espaço para a seqüência de transparências.

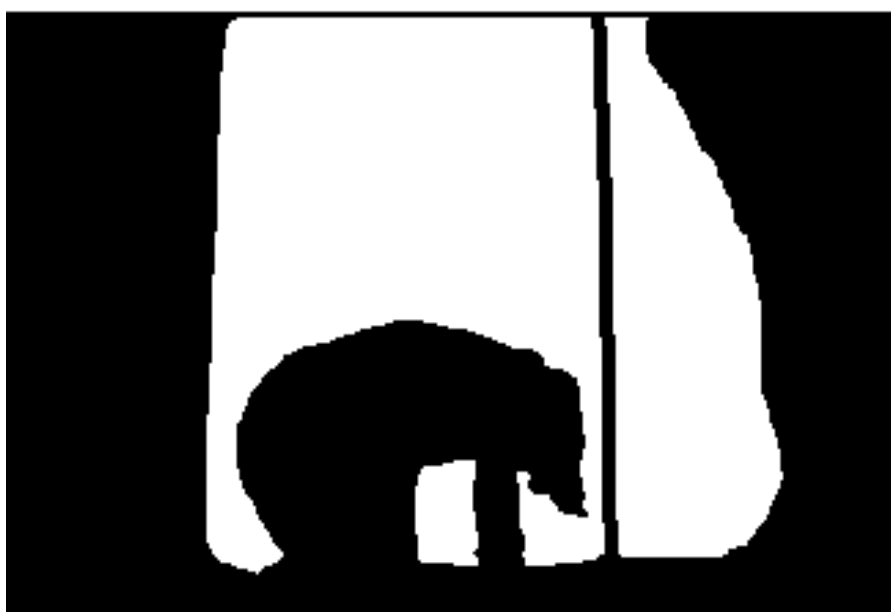
**6 — Teatro de sombras:** o foco de luz do retroprojektor pode servir para iluminar atrás de uma tela feita de lençol ou plástico leitoso), onde os alunos poderão fazer mímica, dramatizações e teatro de sombras. Para se conseguirem efeitos determinados, pode-se colocar o retro papel celofane colorido (liso,

amarrotado, mistura de cores, papel picado) e fazer expressão corporal (mímica) atrás da tela com os efeitos conseguidos pelos recursos. Também é possível usar mímica sobre o próprio retro, dependendo do efeito que se quer produzir.

**7 — Cenário:** efeitos dos mais diversos possíveis podem ser conseguidos, usando o retroprojeter como método de dramatizações e até mesmo de peças teatrais. Pode-se fazer um trabalho sobre o retro com a finalidade de conseguir determinados efeitos para o teatro de sombras ou para a atividade dramática, quando os alunos trabalhariam na frente das telas. Há, portanto, duas possibilidades: a do trabalho atrás das telas (teatro de sombras), e a do trabalho na frente das telas (cenas dramáticas).



**Exemplo de teatro de sombras com celofane e figuras recortadas:**



**Exemplo de teatro de sombras com celofane, papel embrulho vazado e expressão corporal:**

**8 — Exemplos de lâminas para serem usadas em dramatizações ou em outros trabalhos criativos:**

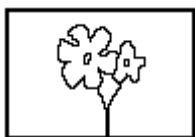
a) Papel celofane e letreiro para ser lido pelo público:

Falta  
um solo de  
clarineta

e) Lâmina de papel comum com as imagens recortadas. Nos recortes, podemos colocar papel celofane e desenhar com hidrocor ou somente celofane colorido:



**b)** Lâmina de papel celofane e desenhos em caneta hidrocolor:



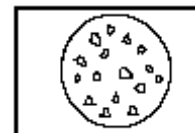
**f)** Lâmina de papel comum com as imagens recortadas e teatro de sombras atrás da parte vazada:



**c)** Lâmina de papel celofane com colagem de figura:



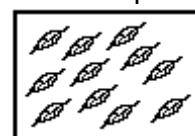
**g)** Pirex transparente sobre o vidro do retro. Podemos colocar água dentro do pirex. A água pode ser colocada aos poucos. Dá para colocar tinta de escrever dentro da água ou anilinas. Também dá para colocar dentro da água papel celofane recortado:



**d)** Lâmina de papel comum (o melhor é o de embrulho) com as imagens (figuras) recortadas:



**h)** Folhas secas sobre o vidro do retroprojektor. As folhas secas podem ser assopradas:



Como vimos, há várias alternativas de utilização do retroprojektor. É só usar um pouco de imaginação e de criatividade.

## PROJEÇÃO DE ESLAIDES

O projetor de eslaides pode ser utilizado em situações de ensino-aprendizagem de duas maneiras:



- a) manejo pelo professor, em aula expositiva ou expositiva dialogada, com o objetivo de ilustrar o conteúdo que está desenvolvendo;
- b) manejo pelos alunos com o objetivo de ilustrar a apresentação de trabalhos ou em situações criativas, como criação de historinhas.

Acreditamos que a segunda proposição seja a mais importante, se considerarmos, principalmente, o uso do projetor de eslaides criativos como auxiliar em aulas de expressão oral, escrita, literatura, etc.

Sabemos que os eslaides constituem-se num material de alto custo. Portanto, fazer eslaides especialmente para uma tarefa de sala de aula parece-nos difícil no ensino de 1º e 2º graus. Entretanto, com um pouco de imaginação e criatividade, podemos aproveitar eslaides já prontos e arranjá-los de acordo com as necessidades ou confeccioná-los de maneira simples, mas instrumental e efetiva.

### Confeção de eslaides

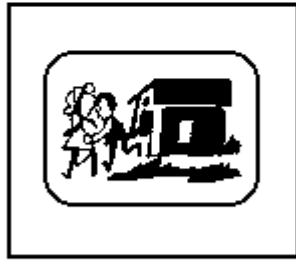
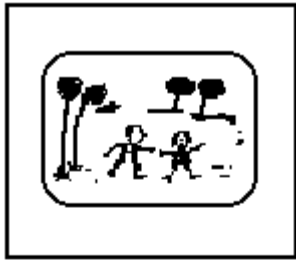
- 1) Os eslaides podem ser confeccionados com papel celofane e canetas hidrográficas.
- 2) Os eslaides podem ser confeccionados com papel vegetal e canetas hidrográficas. Neste caso, deve-se ter cuidado com o projetor, pois só um projetor com maior potência projeta lâminas de papel vegetal.
- 3) Molduras dos eslaides: para facilitar o trabalho na confecção de eslaides, as casas especializadas possuem molduras que podem ser adquiridas para, posteriormente, os eslaides serem encaixados nelas. Entretanto, há, também, a possibilidade de confeccionar a moldura com cartolina bem grossa (a mais própria é a cartolina japonesa).

### Sugestões para uso em Língua Portuguesa

- 1 – **Ilustração de trabalhos:** os eslaides podem servir para ilustrar trabalhos a serem apresentados.
  - 2 – **Aula de fala:** os alunos podem apresentar, em eslaides, o roteiro de uma história propriamente dita, usando a expressão oral. Podem ser feitos exercícios expressivos de entonação, imitação de voz, etc.
  - 3 – **Interpretação de texto:** os alunos podem constituir uma seqüência de uma história em quadrinhos, quando a expressão oral ou escrita – objetivo do estudo – poderá servir de análise para os conteúdos apresentados nos quadrinhos.
  - 4 – **Literatura:** os eslaides podem auxiliar nos conteúdos de Literatura, ou seja, no estudo das escolas literárias, de um autor, de uma obra literária, etc. Os eslaides servem de roteiro para o desenvolvimento de uma apresentação em aula, seminário, etc.
  - 5 – **História em quadrinhos:** os eslaides podem constituir uma seqüência de uma história em quadrinhos, quando a expressão oral ou escrita – objetivo do estudo – poderá servir de análise para os conteúdos apresentados nos quadrinhos.
  - 6 – **Redação:** a seqüência de quadrinhos pode servir como roteiro para redações.
  - 7 – **Cenário:** o uso de eslaides podem servir para cenário de dramatizações. Neste caso, eles devem ser confeccionados com papel celofane colorido, folhas de árvores (galhos bem pequenos), pedaços de filó, etc. Como cenário, os eslaides podem ser projetados numa tela de plástico leitoso (projeção atrás da tela – observando distância – para o cenário de teatro de sombras principalmente).
- Observação:** o uso de eslaides é muito significativo nas montagens audiovisuais, onde as gravações e as retroprojeções podem ser a eles acrescentadas.

Apresentaremos, a seguir, exemplos de utilização de eslaides confeccionados com papel celofane, papel vegetal e canetas hidrográficas.





# ROTEIRO DE UMA PROJEÇÃO DE ESLAIDES

## SOBRE CASSIANO RICARDO

<b>ESLAIDE</b>	<b>ASSUNTO</b>	<b>SUGESTÃO DE IMAGEM</b>
1)	<b>Introdução</b>	Desenho abstrato verde e amarelo
2)	<b>Nascimento</b>	Bebê chorando
3)	<b>Crescimento</b>	Criança brincando
4)	<b>Martin Cererê</b>	Casario
5)		Arco-íris
6)	<b>Subjetividade</b>	Desenho geométrico
7)		Espiral
8)		Homem Pensando
9)		etc.
10)	<b>Inquietação e busca</b>	Relógio
11)		Coração
12)		Olhos
13)		Livros
14)		Flores
15)		etc.
16)	<b>Ladainha II</b>	Lábios
17)		Edifícios
18)		Homem descendo uma escada
19)		etc.
20)		
21)		
22)		
23)		
24)		
25)	<b>Valores individuais</b>	Rosto
26)		Violão
27)		Relógio
28)	<b>Movimento verde-amarelo</b>	Brinquedos
29)		Lâmpada acesa
30)		etc.
31)		
32)		

## MONTAGEM AUDIOVISUAL

Denominamos montagem audiovisual o conjunto de recursos visuais e auditivos que se reúnem para uma determinada finalidade.

Normalmente, as montagens audiovisuais constituem-se de gravações, projeções de eslaides e retroprojeção. Caracterizam-se, essencialmente, em juntar texto e música com projeção de eslaides e retroprojeção.

As montagens audiovisuais podem ser usadas com várias finalidades, tais como:

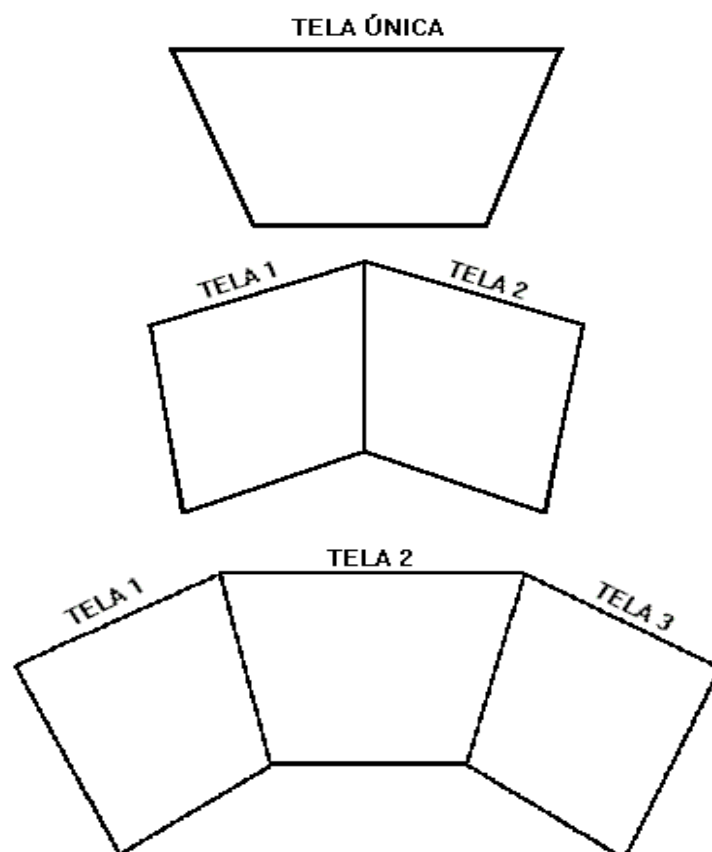
- a) incentivar a criação da redação escolar;
- b) reconstruir uma obra literária nas suas partes significativas;
- c) estimular a criatividade dos alunos;
- d) auxiliar dramatizações;
- e) complementar atividades teatrais;
- f) desenvolver a expressão oral;
- g) servir de pano de fundo para a apresentação de peças teatrais;
- h) interpretar textos, músicas, obras de arte, etc.

A gravação é muito significativa nas montagens audiovisuais, pois dela depende o aspecto de uma audição clara e inteligível.

Na retroprojeção, é importante colar as lâminas umas às outras para tornar mais fácil a manipulação. O uso da cola deve ser cuidadoso, para que não apareçam manchas na projeção. Os manipuladores dos retos devem ser cautelosos, a fim de não deixarem aparecer as mãos na projeção.

As montagens audiovisuais podem ser feitas através de telas de pano ou de plástico leitoso. Podem ser usadas mais do que uma tela (duas, três), dependendo do objetivo previsto.

A criação, a originalidade, a finalidade determinarão o uso das telas; entretanto, apresentamos, como sugestão, esquemas de utilização de telas para uso de montagem audiovisuals.

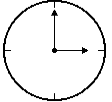



As projeções podem ser feitas atrás das telas, guardando-se as distâncias necessárias ( a aproximação do projetor de eslaides e do retroprojetor determina o tamanho da projeção nas telas), ou na frente delas.

Com projeções atrás das telas é possível aproveitar o espaço cênico na frente delas e, assim, montar dramatizações e peças teatrais.

Observação: apresentaremos a seguir uma montagem audiovisual para exemplificação.

## EXEMPLO DE MONTAGEM AUDIO VISUAL — GRAVAÇÃO DE MÚSICA, PROJEÇÃO DE ESLAI- DES E RETROPROJEÇÃO

<b>Música Pois é pra que</b>	<b>ESLAIDES 1</b>	<b>RETROPROJEÇÃO 2</b>
O automóvel corre, a lembrança morre o suor escorre e molha a calça- da.	1 — PAISAGEM  2 — FLORES	CELOF. AMAR. HIDROCOR AUTOMÓVEL RUA
A verdade na rua, a verdade no povo a mulher toda nua, mais nada de novo, a revolta latente que ninguém vê e nem sabe se sente pois é pra quê.	3 — PAISAGEM  4 — FLORES	CELOF. VERM. FIGURAS RECORTADAS MULHER POVO
O imposto, a conta o bazar barato, o relógio aponta o momento e- xato da morte certa.	5 — PAISAGEM  6 — FLORES	PAPEL EMBRULHO  RELÓGIO VAZADO
A gravata enforca, o sapato aperta, o país exporta e na minha porta ninguém quer ver uma sombra morta, pois é pra quê?	7 — PAISAGEM  8 — FLORES	PAPEL EMBRULHO MAPA DO BRASIL VAZADO DENTRO DO MAPA GRAVATA SAPATO
Que rapaz é esse que estranho tanto, seu rosto é santo, seu canto é tudo, saiu do nada, da dor fingida, desceu uma escada, subiu na vida,	9 — PAISAGEM  10 — FLORES	CELOF. TRANSPAR. DESENHO HIDROCOR RAPAZ SUBINDO ESCADAS
a menina aflita ele não quer ver, a guitarra excita, pois é pra quê?	11 — PAISAGEM  12 — FLORES	CELOF. AMAR.  FIGURA RECORTADA  MENINA GUITARRA

<p>A fome, a doença, o esporte, a gincana, a praia compensa o trabalho, a semana,</p>	<p>13 — PAISAGEM</p> <p>14 — FLORES</p>	<p>CELOF. AZUL HIDROCOR PRAIA</p>
<p>o show do cinema, o amor que atenua, o tiro no peito, o sangue na rua, a fome, a doença, não sei mais por quê?</p>	<p>15 — PAISAGEM</p> <p>16 — FLORES</p>	<p>CELOF. VERM. FIGURAS RECORTADAS</p> <p>1 — MULHER 2 — CARTAZ DE CINEMA</p>
<p>que noite, que lua, meu bem pra quê?</p>	<p>17 — PAISAGEM</p> <p>18 — FLORES</p>	<p>CELOF. AZUL</p> <p>FIGURA RECORTADA CENA DE LUAR</p>
<p>O patrão sustenta o café, o al- moço, o jornal aumenta — um rapaz tão moço. O calor aumenta, a família cresce,</p>	<p>19 — PAISAGEM</p> <p>20 — FLORES</p>	<p>CELOF. VERM. FIG. RECORTADA MULHER GRÁVIDA XÍCARA DE CAFÉ</p>
<p>o cientista inventa uma flor que parece a razão mais segura pra nin- guém saber de outra flor que tortura pois é pra quê?</p>	<p>21 — PAISAGEM</p> <p>22 — FLORES</p>	<p>PAPEL EMBRULHO FIGURAS VAZADAS</p> 
<p>No fim do mundo tem um tesou- ro, quem for primeiro carrega o ou- ro. A vida passa no meu cigarro. Quem tem mais pressa arranje um carro pra andar ligeiro</p>	<p>23 — PAISAGEM</p> <p>24 — FLORES</p>	<p>CELOF. AMAR. DESENHO HIDROCOR DINHEIRO CIGARRO CARRO</p>
<p>sem ter pra onde pois é pra quê? Pois é pra quê? Pois é...</p>	<p>25 — PAISAGEM</p> <p>26 — FLORES</p>	<p>CELOF. TRANSPAR. DESENHO HIDROCOR PERFIL COM UM PONTO DE INTERROGAÇÃO DENTRO.</p>

**OBSERVAÇÃO:** Sempre que usar na prática estes exemplos, para expor temas espíritas, procurar manter a fidelidade da Doutrina Espírita, evitando assim os erros doutrinários.